

A efervescência da reescrita

Nas últimas décadas, a tradução ganhou fôlego no mercado editorial brasileiro, representando hoje metade dos lançamentos das editoras nacionais. Já nossos escritores têm se beneficiado de programas governamentais de estímulo à tradução, que tentam melhorar a circulação da literatura brasileira no exterior





EDITORIAL

As obras traduzidas representam hoje metade da produção das editoras brasileiras. Em quase 30 anos de atividades, a Companhia das Letras publicou 4 mil títulos, dos quais exatamente 2 mil são traduções. Para este ano, apesar da crise anunciada, a empresa garante outras 150 obras traduzidas.

Além da questão comercial, Denise Bottmann lembra que a tradução é uma das atividades mais importantes que existe. “Já pensou um mundo sem acesso às línguas, obras e realizações de outras pessoas, de outras terras, culturas e épocas diferentes das nossas? Não dá nem pra imaginar”, comenta a tradutora, com mais de 120 títulos no currículo.

A edição de março do **Cândido** abre espaço para a tradução, a começar por uma reportagem que procura entender a atividade, por exemplo, o conflito entre ser fiel ou recriar o texto original. Paulo Henriques Britto, considerado um dos grandes nomes da profissão no Brasil, afirma que deve haver respeito ao original. “Já a liberdade de reescrita é fundamental”, diz. Autoridade no assunto, Britto explica que o tradutor deve saber redigir na língua-meta — o idioma para o qual se traduz. “Todo o resto, até mesmo o conhecimento da língua-fonte [o idioma do texto original], é secundário em relação a essa exigência”, garante. Outra reportagem explica como são feitas e qual o impacto das traduções de obras da literatura brasileira para outros idiomas.

O especial ainda conta com um texto de Ernani Ssó, tradutor de *Dom Quixote*, a respeito dos deslizos de traduções realizadas no Brasil nos últimos anos, além de quatro traduções. Ari Roitman e Paulina Wacht verteram do espanhol para o português um fragmento de *Victus*, romance Albert Sánchez Piñol, que será publicado no país em abril. A edição traz um trecho do romance *Rosy & John*, do francês de Pierre Lemaitre, que os leitores brasileiros vão conhecer apenas em 2016. Joana Barossi traduz poemas de Nicanor Parra e Wagner Schadeck assina a tradução de um poema de William Butler Yeats.

Boa leitura!

CARTUM Cesar



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Era tarde, já faz tempo, e apesar de compromissos inadiáveis que tinha naquele contexto, me refugiei dentro de uma biblioteca. Inesperadamente, encontro *A maldição do silêncio*, de Márcia Kupstas. Apesar de ser uma obra desprezível, em tese, produzida para o público infantojuvenil, o impacto da leitura, em mim, foi irreversível. Trata-se de um livro denso, que me fez viajar, pela primeira vez, em direção ao cavernoso quarto de um moribundo de onde, ainda hoje, me pergunto quando sairei, se é que algum um dia vou querer sair de lá.

Adriano Cartapácio nasceu em Fortaleza (CE), onde vive. Ator, integrou o elenco do espetáculo itinerante *Nossa cidade – uma peça para acampamentos* e escreveu, atuou e dirigiu *Madrugada ébria*.



Divulgação

Se foi um livro que marcou minha vida, tenho que chover no molhado e falar de *Cem anos de solidão*, do Gabriel García Márquez, meu contato fatal com o realismo fantástico. Mas o livro que mais recomendei ultimamente foi *As crônicas marcianas*, do Ray Bradbury. Ando mergulhada em uma obsessão saudável pelos visionários. E como estamos vivendo em um filme de sci-fi ainda no trailer, é emocionante ver como alguns caras enxergaram o futuro com tanta lucidez e clareza.

Janara Lopes é artista gráfica e fundadora da IdeaFixa, empresa de curadoria de arte e conteúdo multiplataforma. Vive em São Paulo (SP).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:
Luças de Lavor e Thiago Lavado.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação
Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:
Albert Sánchez Piñol, Ale Moretti, Ari Roitman, César Marchesini, Ernani Ssó, Joana Barossi, Marcelo Cipis, Marciel Conrado, Nicanor Parra, Paulina Wacht, Paulino Júnior, Pierre Lemaitre, Sônia Barros, Wagner Schadeck e Zéfere.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Uma viagem pelo século XVIII



Está em cartaz no hall térreo da Biblioteca Pública do Paraná a mostra *Mundos Novos Ilustrados, as ilustrações dos livros de viagem científica do século XVIII* — exposição que tem curadoria de Magnus Pereira e Rodrigo Tavares, assessoria de design de Lai Pereira e participação dos alunos do curso de História, Memória e Imagem da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A mostra tem 8 painéis, cada um deles traz um tema, entre os quais mapas, navegação, flora, fauna, nativos, contatos, exploradores e livros e ilustradores. Além disso, também há um aparelho de TV, onde são exibidos vídeos feitos pelos alunos. A exposição segue em cartaz até 4 de maio. Mais informações: www.facebook.com/exposicao.viajantes. A entrada é franca.

O galope de Ulisses na Biblioteca Pública



No dia 11 de março, José Inácio Vieira de Melo estará no hall térreo da Biblioteca Pública do Paraná, das 16 horas às 19h30, para autografar

O galope de Ulisses, seu mais recente livro de poemas — publicado pela Editora Patuá. Além dos autógrafos, o poeta alagoano também cantará toadas, soltará assobios e recitará poemas. O recital se chama *Ulisses galopa em minhas veias*. “A minha poesia é um galope para dentro do abismo”, diz o artista que vive há 26 anos na Bahia, atualmente dividindo o tempo entre as cidades de Jequié e Iraema. Melo é autor, entre outros, dos livros *Códigos do silêncio* (2000), *A infância do Centauro* (2007) e *Pedra só* (2012). O poeta já participou da Fliporto (PE), da Flica (BA), da Bienal do Livro do Ceará, do Sarau Flores Literárias (MA), entre outros eventos literários. *O galope de Ulisses* custa R\$ 40 e será comercializado apenas em dinheiro ou cheque. A entrada no evento é franca.



Com tudo, com letra e muita prosa

A editora Arte & Letra já encaminhou para gráfica três romances, lançamentos previstos para o primeiro semestre. *Madrugada de farpas*, de Paulo Venturelli, catarinense radicado em Curitiba, é um deles — trata-se do primeiro romance gay do/no Paraná, e deve dar o que falar. Da curitibana Luci Collin, a Arte e Letra edita *Pêriclo em espelho*, e do também curitibano Luiz Felipe Leprevost, a casa editorial viabiliza *Dias nublados*. Para o segundo semestre, a aposta é num livro de contos de Carlos Machado.



Amizade editorial

Além dos lançamentos, a Arte & Letra diz ter fechado parceria com as editoras curitibanas Medusa e Kafka. O objetivo é somar forças no que diz respeito à divulgação, representação comercial e venda de livros.

Mais novos na área



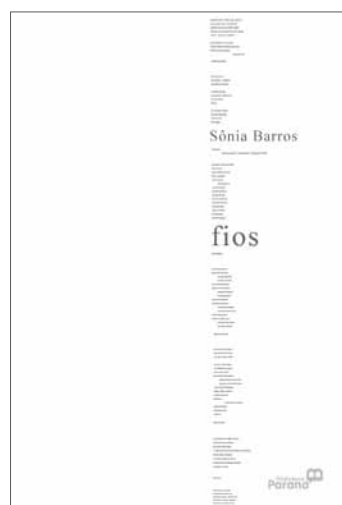
Após completar 20 anos, ano passado — data marcada com o lançamento de *Quem cria, nasce todo dia*, de Jaime Lerner —, a Travessa dos Editores promove no dia 18 de março, a partir das 18h, na Livraria da Vila do Pátio Batel (Av. do Batel, 1868), o lançamento do volume 2 do *Livro dos Novos* — antologia que reúne 16

contistas paranaenses e radicados no Estado, todos com menos de 30 anos. André Petrini, Victor H. Turezo, Julianah Dias e Rafael de Andrade são alguns dos autores desta coletânea, que tem prefácio do jornalista Daniel Zanella. A organização deste projeto, tanto do primeiro quanto deste novo volume, é de Adriana Sydor.

“Meu compromisso é com a minha poesia”

Mais conhecida pela sua produção infantojuvenil, Sônia Barros conquistou o Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria Poesia com *Fios*, livro que, poeticamente, trata da infância, da velhice, da maternidade, do amor, da memória, da solidão, da morte e da própria poesia

Sônia Barros venceu o Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria Poesia com o livro *Fios*, título sugerido por um amigo fundamental no percurso da poeta. “O título acabou se impondo a partir da percepção de que havia vários fios, elos, caminhos percorrendo o livro todo. Quem me mostrou isso foi o poeta Donizete Galvão (1955-2014), com quem eu conversava muito sobre poesia e a quem o livro é dedicado. E também foi o Doni quem sugeriu que eu inscrevesse o original em concursos antes de apresentá-lo a alguma editora. Infelizmente, ele faleceu em janeiro de 2014, e não viu o livro ser premiado”, afirma Sônia, que diz ter elaborado os poemas de *Fios* durante seis anos, de 2008 a 2014. Nesta entrevista ao **Cândido**, a autora fala de sua trajetória, que inclui 17 títulos infantojuvenis, dez são de poesia ou prosa poética, além de mencionar suas influências literárias, o convívio com o poeta Donizete Galvão, para quem ela dedica o último poema de *Fios*. Sônia também conta o que representou, para ela, ter vencido o Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria Poesia. “Claro que ter vencido esse prêmio, que é um dos mais importantes do país para livro inédito, faz com que a minha produção para o público adulto tenha maior visibilidade. Outro motivo que me dá muita alegria e estímulo é saber que o meu livro foi escolhido entre 269 concorrentes por um júri de altíssimo nível. Aliás, vencer o Prêmio Paraná de Literatura foi (e está sendo) uma das maiores emoções da minha vida.”



Ao ler seu livro, e levando em consideração o título da obra, uma conclusão possível é que os poemas representam os fios que costuram os sentimentos da poeta. Há lógica nessa definição?

Os poemas retratam fios aparentemente distintos, mas, de certa forma, entrelaçados: do ofício, da infância, da velhice, da maternidade, do amor, da memória, da solidão, da morte, da própria poesia, da arte... enfim, os caminhos internos e externos da existência humana. Embora retratados pelo meu olhar, pelo meu modo de sentir, em alguns poemas optei pela alteridade, ou seja, por dar lugar à voz do outro, procurando

Kraw Penas



poesia em “Vertente”), os poemas dão ao livro grande unidade. Como se deu a sua edição dos poemas selecionados?

O livro teve inúmeras versões ao longo desses seis anos (de 2008 a 2014). Buscando, justamente, uma unidade, fui excluindo poemas, resgatando e reescrevendo outros que estavam de fora, fazendo várias combinações. E, acima de tudo, fui convivendo com eles. Até sentir que os traços de cada poema-retrato iam compondo um quadro maior. A segunda parte, por exemplo, *da arte*, veio um pouco depois, quase no fim desse período. A partir do poema “Por um fio”, sobre um filme de Bresson, nasceram os demais. Quem me deu essa ideia foi o poeta Armando Freitas Filho, com quem tenho o privilégio de me corresponder há alguns anos. Há no livro, inclusive, um poema dedicado a ele, em que falo de sua importância no meu caminho, na minha poesia. Ao ler o poema sobre Bresson, Armando me disse que este poderia irradiar, provocar outros afins. Foi aí que, pouco a pouco, foram nascendo os demais poemas que dialogam com o cinema, com as artes plásticas, com a música, e também com a poesia.

Você dedica o livro a Donizete Galvão. Qual foi a participação dele neste trabalho?

Desde a primeira vez que entrei em contato com o Donizete, em 2001, ele mostrou uma generosa disposição para ler minha poesia. Apesar do estímulo que recebi, após as primeiras leituras que o Doni fez de alguns dos meus poemas, nunca irei me esquecer de suas palavras: “sem dúvida, Sônia, você é poeta e tem o que dizer”. Mas eu ainda não sabia muito bem *como* dizer. Ou seja, precisava encontrar minha própria voz, me desvencilhar dos excessos, do que não era eu, e também talvez do que fosse “eu” demais, evitando me tornar uma “diluidora”, segundo a controvertida classificação de Ezra Pound.

a despersonalização. O título acabou se impondo a partir da percepção de que havia vários fios, elos, caminhos percorrendo o livro todo. Quem me mostrou isso foi o poeta Donizete Galvão (1955-2014), com quem eu conversava muito sobre poesia e a quem o livro é dedicado. E também foi o Doni quem sugeriu que eu inscrevesse o original em concursos antes de apresentá-lo a alguma editora. Infelizmente, ele faleceu em janeiro de 2014, e não viu o livro ser premiado.

Apesar de serem bastante distintos e tratarem de muitos temas (como a passagem do tempo em “Resgate” e a meta-

Aliás, o Doni me passou uma lista de livros como sugestão de leituras e, entre eles, estava o *ABC da literatura*, de Pound. A partir desse diálogo, que se tornou frequente, e muitas leituras, fui escrevendo os poemas do que viria a ser o meu primeiro livro, *mezzo voo*, selecionado em 2007 pela Secretaria do Estado de São Paulo, através do Programa de Ação Cultural (PAC) e publicado pela Nankin Editorial, com apresentação do Donizete. Depois disso, me senti estimulada a continuar buscando a minha voz, a “inteireza do voo”. Assim, nos anos seguintes, de 2008 a 2014, fui tecendo *Fios*. Pude contar com a leitura esporádica de outros poetas, escritores, o que também me ajudou bastante, mas o Doni era o único que lia tudo e com frequência, sempre fazendo comentários. Após sua morte, repentina, que me abalou profundamente, escrevi o único poema que ele não leu, e que fecha o livro, cujo título é o seu nome.

Sua produção voltada ao público infantojuvenil é bastante conhecida. Qual o peso que a poesia passa a ter em sua rotina a partir deste prêmio?

Dos meus 17 títulos infantojuvenis, dez são de poesia ou prosa poética. Ou seja, já me dedico com muita seriedade a esse gênero, que, ao longo desses 17 anos de carreira, me deu muitos leitores e um crescente reconhecimento. *Coisa boa*, por exemplo, me proporcionou uma grande alegria, que foi um cartão manuscrito do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, morto em 2012, que guardo com o maior carinho, dizendo: “*Coisa boa* é um livro de poemas feito para criança, mas capaz de embalar coração de adulto. *Coisa boa* é um livro que vai enriquecer a literatura infantil do país, pela qualidade do texto e beleza gráfica”. *O gato que comia couve-flor*, poema narrativo, mereceu a apresentação da querida Fanny Abramovich na quarta-capa, e entrou no *Manual dos*

melhores livros para bebês, da escritora Alessandra Roscoe, fundadora da “Uniduni Ler Todas as Letras”, ONG não governamental, com sede em Brasília. Claro que ter vencido esse prêmio, que é um dos mais importantes do país para livro inédito, faz com que a minha produção para o público adulto tenha maior visibilidade. Outro motivo que me dá muita alegria e estímulo é saber que o meu livro foi escolhido entre 269 concorrentes por um júri de altíssimo nível. Aliás, vencer o Prêmio Paraná de Literatura foi (e está sendo) uma das maiores emoções da minha vida.

Em *Fios*, é possível perceber uma inclinação a uma poesia mais narrativa e tradicional. Também não se encontram referências à cultura de massa, por exemplo. Como você se situa dentro do cenário da literatura nacional?

Acredito que essa inclinação de minha poesia à narrativa seja um recurso espontâneo, devido, talvez, ao meu grande interesse pelas experiências humanas, pelo registro de momentos, por vezes especiais, reveladores. Quanto à cultura de massa, como tema, acho que já tem sido muito abordado por outros poetas. Não tenho nada contra quem se refere a esse assunto, mas prefiro seguir meu próprio caminho e preferências. Além disso, como pessoa, não me sinto muito presa aos espetáculos da cultura de massa. Também não me preocupo em me situar no cenário da literatura nacional, aliás, nunca pensei nisso. Procuro não seguir tendências que, num determinado tempo, sobressaem, mas não necessariamente permanecem. E não tenho a pretensão de ser aceita neste ou naquele grupo. Se, por um lado, essa solidão gera alguma angústia, existe a compensação de uma certa independência e maior liberdade. Meu compromisso é com a escrita, com a minha poesia. ■

DONIZETE GALVÃO

Na virtude do menos,
o disfarce para o muito:

vasta alma,

casa a recusar adornos
sem serventia,

desejando o mínimo

mas cultivando afetos,
amigos e discípulos
a transbordar

— seu único acúmulo.

Na escolha de cacos,
rebotalhos e restolhos,
feixe de sulcos e rastros,

o perfeito acabamentoo

após lenta
urdidura de si mesmo.

Muito além
de fachada provisória:

ponte a estender-se,

fonte generosa
do mais fino humor,

rara voz

— por vezes destilada na dor e no lamento —

de pássaro que procura
razão para cantar com contentamento.

DEVANEIO

Corpo molhado,
misturado ao tecido
da rede, esquecido
de ser corpo, como se
só o pássaro-pensamento
existisse: penas flutuantes
embaladas pela brisa
e balanço — pêndulo
de um tempo interior
senhor de si
capaz de retroceder,
parar, prender
o instante
em luz
para depois seguir,
avançar,
mas ainda dentro
de si mesmo,
tempo outro
galopante no dorso
de um rinoceronte:
voo que o corpo
de repente consegue
acompanhar, chamado
pela voz de outro
corpo, que deu de morar
(demorar)
no pensamento.

NOVELO

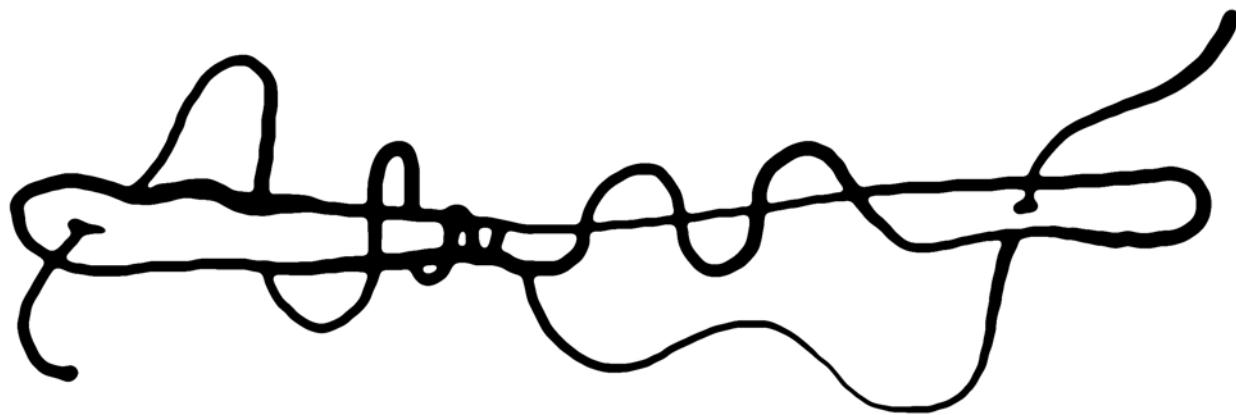
Ao descer do palco,
desejava carregar
cada personagem,
feito um sapo
colado às costas:
pele, carne, vísceras
de outra pessoa
ou bicho

para poder não ser.

Príncipe-marionete
guiado por fios
fantasmas não queria
— nem no palco —
só se pudesse
encenar-encarnar Teseu
e o real deixasse
de ser labirinto

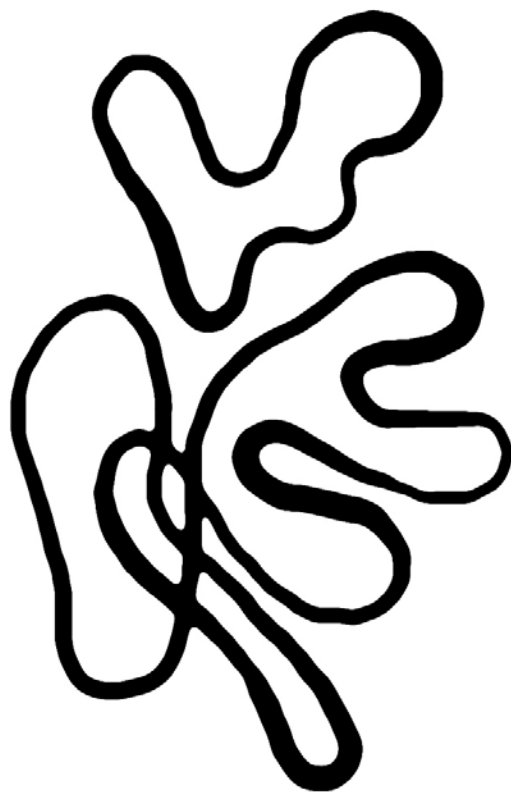
para tornar-se caminho:

Ariadne a resgatá-lo
por um (único) fio.



ÁGUAS RASAS

Atrás do muro, o outro lado
do mundo que seu canto curto
não alcança nem ousa — não ousa mais
voo maior que o rastejar. Aprendeu
a contentar-se com fiapos, trilhas,
trilhos sob os pés descalços,
música de ouvido que vem do rio,
colhida na concha acústica das mãos.
Altas pedras cerceando as águas
rasas de um riacho: tão efêmeras
quanto eternas, asas e muralha.



SILÊNCIO

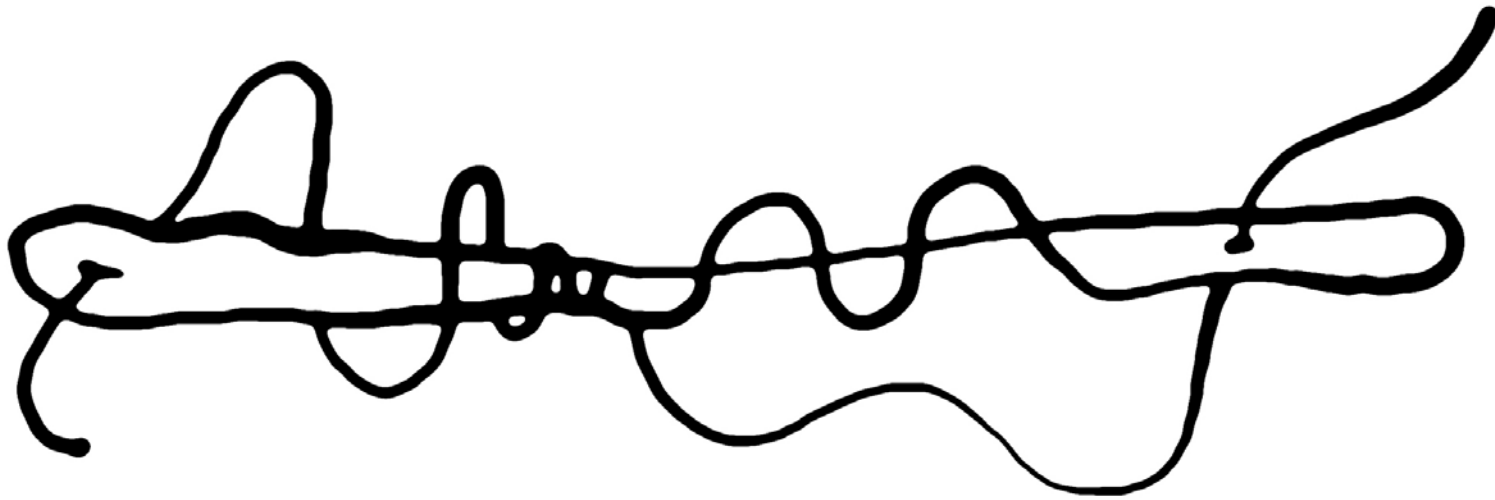
Ninguém sabia, mas ele
vivia perdido em labirintos
por entre as vigas da palavra,
em batalhas por dentro
de si mesmo: essa casa língua
que, por mais que tentasse,
não podia compreender — sequer
alcançava o caminho
das entrelinhas.

Por isso preferia o silêncio
dos gritos, abafando qualquer
vestígio de ruídos intrínsecos.

NOITE ESTRELADA SOBRE O RÓDANO


Pintar era o mesmo que respirar — não o ar,
mas o sol vindo de abismos noturnos,
negro solo a engolir noites insones.

De obsessivas criações de um louco
coração sempre à deriva
nascia o sopro,
vértebra de luz
cortando o impossível
azul, perpetuando águas,
solidão e alma.



ROTO CAMINHO

Sob o céu do viaduto,
sua casa, rumo ao vazio
de um poço vida-vala,
segue um profeta sem sonhos
equilibrista cego e coxo
sem bengala sem cachorro
sem saber até quando.

 **Sônia Barros** nasceu em 1968, em Monte Mor (SP), e desde a infância mora em Santa Bárbara d'Oeste (SP). É formada Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Publicou o livro de poemas *mezzo voo* (2007) e mais de dez obras de literatura infantojuvenil, entre as quais *Ciranda mágica e outros poemas* (2009) e *A coragem de Leo* (2014).

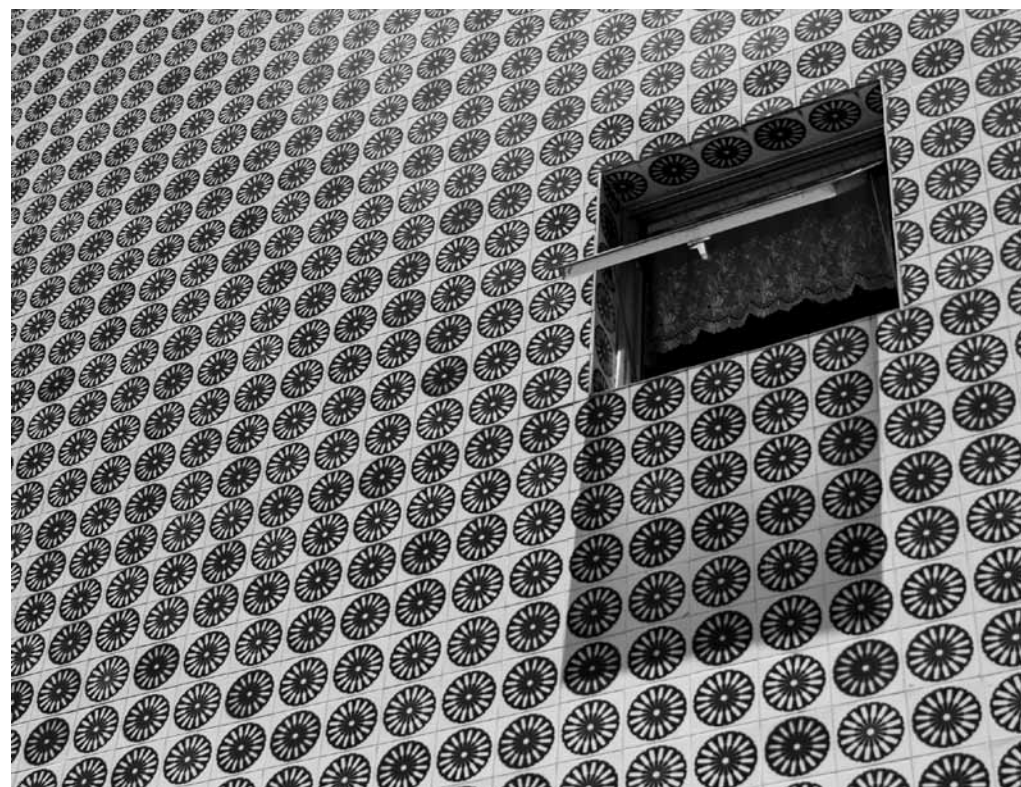
ENSAIO | ALE MORETTI

CLIQUESES

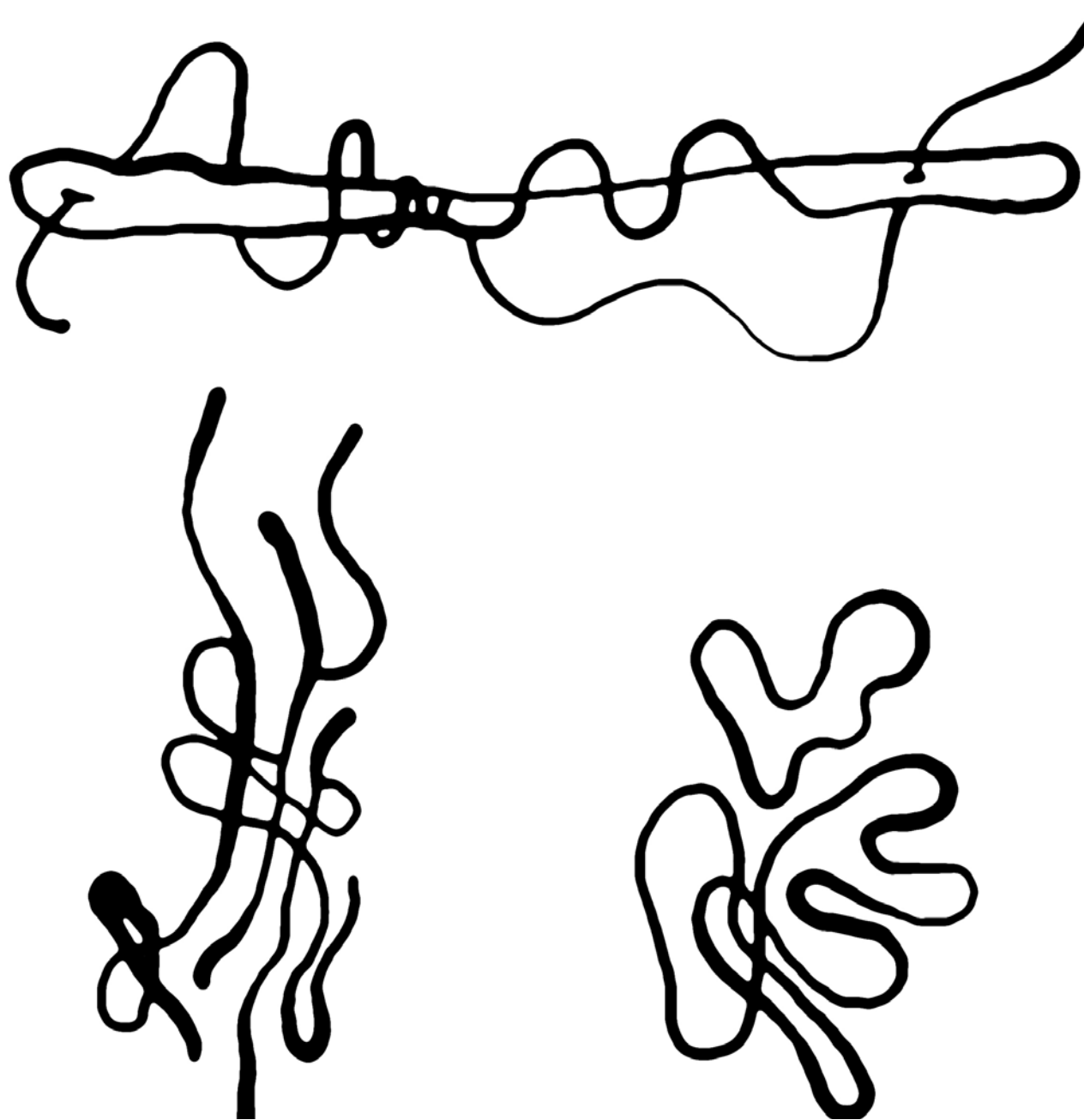
EM CURITIBA



Ale Moretti é mestre em Comunicação e Linguagens e a criatividade sempre foi seu norte profissional: em publicidade, transformando ideias em palavras; em cinema, palavras em imagens. Como fotógrafa, seu foco recai sobre cidades, arquitetura e grafismos urbanos. Para esta edição do **Cândido**, produziu a série “Quadriláteros”. Nasceu e vive em Curitiba (PR).



MAÇÃ DO AMOR



Vangloria-se de ser “uma balza-ca que faz uns frilas de modelo” e brinca que “no currículo já foi de tudo”. O único trabalho dela que eu lembrava era a foto no encarte do CD de uma banda de rock da segunda divisão. Entre as demais habilidades que conta de si, havia a de boa pronúncia no inglês e afinação no canto. Diz que chegou a receber proposta de gravadora, mas não entrou em acordo porque só faria se fosse do seu jeito — um som diferente com músicos profissionais que ela indicasse.

Risos e gestos de concordância a incentivam ainda mais nos relatos de experiência e opiniões. Homem mesmo só eu e meu amigo na diversidade da mesa. Parecia que ninguém se importava por ela monopolizar a conversa, ao contrário, era a distração e argamassa daquelas pessoas que não queriam se sentir sozinhas enquanto observavam o ambiente do bar que começava a encher naquela sexta à noite.

Cada vez menos tem se importado com coisas como colocação social e fama. Ela é desencanada e gosta de curtir. Então começou com seu assunto favorito e declarou que iria reativar seu “polêmico” blog que falava de sexo. Algumas receitas de seu repertório foram dadas ali na mesa: com pau assim se faz assado, com pau assado se faz assim... A pequena plateia gargalhava e até batia palmas.

No entanto, faziam barulho mais para chamar a atenção dos que circulavam e menos por ela. Exceção feita ao seu *poodle* de estimação — que ria es-

palhafatosamente a cada fala, como se acionado por uma claquete de TV, chegando à fidelidade de pedir recordações: “Ei, conta aquela da boate que você conheceu a Vera Fischer” — e por mim.

Calhou de meu amigo nos apresentar nesta noite, com uma cutucada: “Toma cuidado: você vai ser a carne nova”. Eu já conhecia a fama dela desde a época que foi casada com o Caverna, um figuraça que chegou a ter algum sucesso à frente de uma banda de *heavy metal* e que depois descambou para outros gêneros na tentativa de emplacar alguma coisa.

O *poodle* dela não se aguentava. Ela carregava o gay a tiracolo como se fosse um cachorrinho de estimação. Sem recriminação, não deixava mesmo de ter graça os gestos coreografados para exibir curiosidades sobre celebridades que dizia ter conhecido nos “frilas da vida”, ou ridicularizá-las com intimidade. Conta que foi a primeira a tatuar uma estrela em cada ombro e ser descaradamente copiada por uma famosa atriz e modelo que posou pra *Playboy*. Quem pode testemunhar em seu favor é o chefe dos maquiadores da Globo, pois foi um dos primeiros a admirar e elogiar as tatuagens: “Que show! Você nasceu para brilhar!”. Ela solta uma risada para cima e mexe no cabelo como quem faz desfeita desse mundo das estrelas.

Largou a faculdade de Comunicação Social, com ênfase em publicidade e propaganda, porque não era bem o que pensava: “Teoria, teoria, teoria... Eu gosto é de prática!”. Puxou o celular, moveu os dedos pela tela e pediu para que fosse passado

de mão em mão. “Que arraso!”, ganiu o *poodle*. “Ficou legal, né? Tá lá no álbum ‘Look do Dia’ no *Facebook*.” Depois revelou que estava estudando o cachê para estrelar uma *performance* em um vídeo.

O bar lotava, as pessoas na mesa foram se dispersando e decidimos fechar a conta para fumar em paz lá fora. De dentro da moldura, perto da porta, Johnny Cash mandava todo mundo se fuder. O *poodle* cochichou algo pra ela e, recebendo aprovação, se mandou. Ela olhou pra mim e disse “Vai atrás de um esquema dele”. Mostrei um sorriso sem querer demonstrar minha sensação de alívio. Porém, uma turminha logo se aproximou insistindo para que ela se juntasse a eles rumo à balada. Recusou com a justificativa de ter passado o dia “na correria dos frilas”. Meu amigo também foi para outro lado, mas antes me deu uma piscada cúmplice. Eu podia perfeitamente imaginar o que se passava naquela cabecinha, nas histórias que rolavam sobre ela.

De repente, ela se vira pra mim e convida para uma “saideirinha” em sua quitinete a alguns quarteirões dali: “no prédio que fica o Gula’s”. Então advertiu que apertássemos o passo para pegá-lo ainda aberto, pois estava com fome e morrendo de vontade de comer um pastel.

Segurava uma maçã do amor enquanto a outra mão tampava o sexo. Os cabelos escuros cobrindo os ombros, as sobrancelhas em curva, os olhos esticados com lápis preto e os lábios borrados com um vermelho viscoso que escorria pelo queixo e cobria todo o corpo. Os

peitões siliconados ficavam ainda mais atraentes lambuzados por aquela gosma que representava sangue. O jeito que tampava a buceta também era especial, parecia que tentava estancar uma hemorragia. Lembrava uma vampira que tinha acabado de jantar e chafurdado no sangue da vítima. Não sei se é coisa da minha cabeça, mas algo dava a impressão de que não tinha matado a fome, eternamente insatisfeita.

A foto interna no encarte era sem dúvida a única coisa que prestava no CD.

Na quitinete ela torce a cara e afirma que odeia homem meloso, pegajoso, metido a “maridinho”. O principal motivo que a separou do Caverna foi que ele pegava no pé dela para que bancassem o casalzinho certinho — disse e botou a língua para fora encenando enjoo. Ela já era o contrário, incentivava que ele pegasse as fanzocas e ainda exigia que contasse tudo. Concluiu de si que tinha puxado para o pai, que era um *bon vivant*, diferente de sua mãe, que “não teve entranhas para segurar o marido”. Dou uma risadinha boba e imagino o que minha mãe acharia de uma mulher com um palavreado desses.

“Sabe que sou uma esteta, né?” Ela me diz e emenda com a informação de que, inclusive, já trabalhou em uma clínica esteticista. Porém, a autorreferência tinha outra referência. “Em qualquer profissão é necessário ter personalidade para inovar. Por exemplo, tem uma atriz que faz uma cena genial em um *Blowbang*. Os caras vão enchendo uma taça que ela segura. Um a um... Uns

oito... e, sabe, estão cheios, são profissionais. Quando o último termina, ela dá uma balançadinha para misturar e mexe com o indicador como se preparasse um drink. Chupa o dedo, elogia o sabor, balança mais um pouquinho para aspirar o buquê e bebe devagar. Mas, aí é que tá: ela não toma! Segura na garganta e faz gargarejo. A coisa circula e vai borbulhando, espumando. Agora, olha só, *o gran finale*: ela passa a cuspir devagar sobre uma mesa espelhada, vai fazendo carreiras, uma por uma. Então ela pega a nota de um dólar e faz um canudo para puxar como se fosse cocaína. É brilhante!”

Ela termina com uma gargalhada e bate palma. Concordei e pedi mais detalhes sobre o vídeo. “Depois eu te passo”, ela me disse meio distraída e emendou bem à sua maneira: “Balzac acertou quando descreveu a mulher depois dos trinta como uma guerreira”. Concordei novamente e sugeri comermos os pastéis antes que esfriassem ainda mais.

Eu pedi um de queijo e um de carne com ovo, ela pediu logo um especial: “Com tudo que tenho direito, apesar das calorias”. Comemos com gosto. Entre mordidas e goles de cerveja, comentei mais um de seus sarros: “Um cara que eu tava ficando zóou que a melhor coisa de passar a noite comigo era que dava pra comer o pastel do Gula’s logo de manhã...”. Olhou para o teto e depois voltou-se pra mim como se pensasse em voz alta: “O babaca se fudeu! Nunca mais dormi com ele”.

Enquanto ela ainda gargalhava, limpei a boca e avisei que estava na minha hora. ■



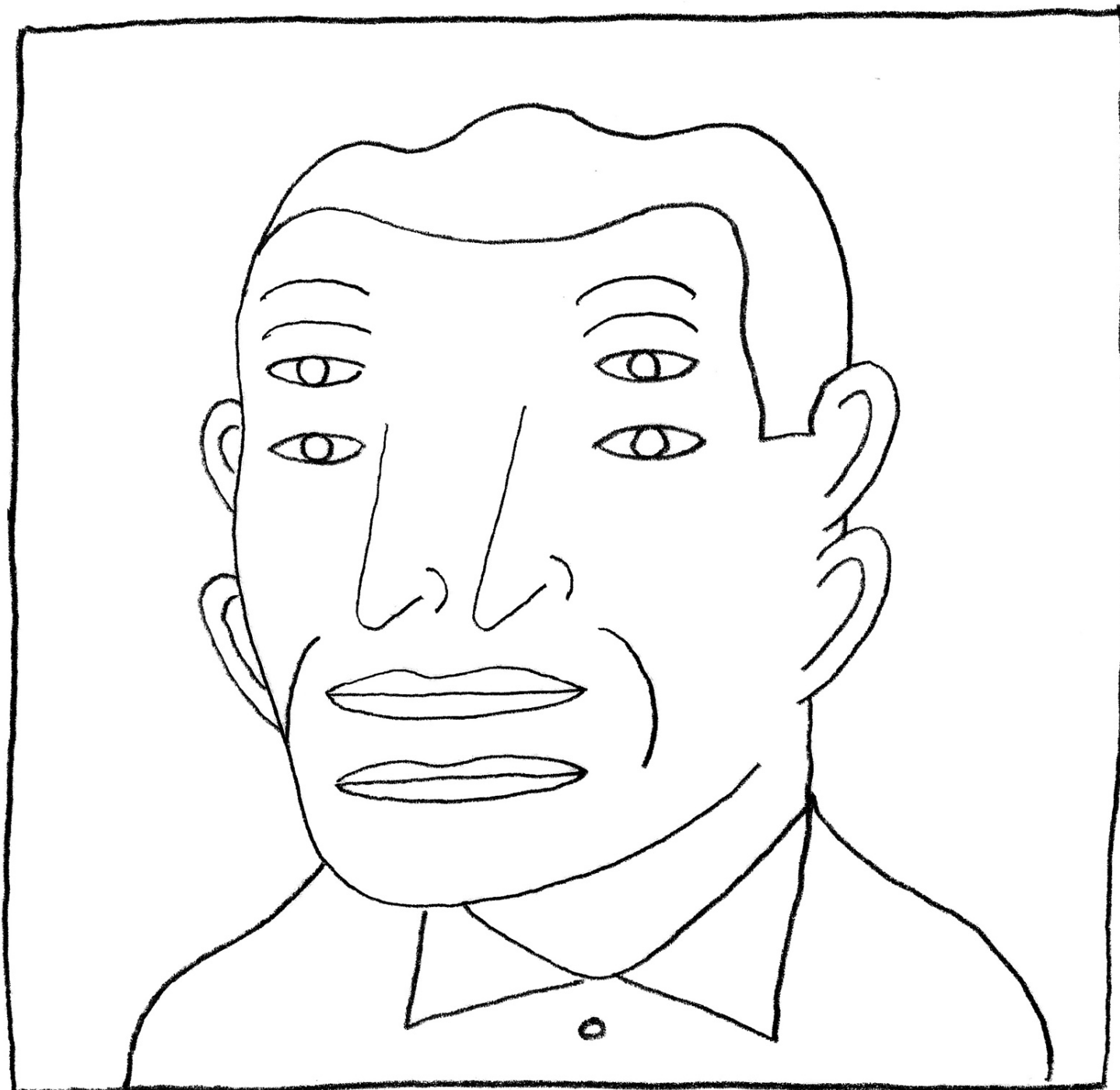
Paulino Júnior nasceu em Presidente Prudente (SP). É graduado em Letras e mestre em Teoria Literária pela UNESP de Assis (SP). Foi premiado no Edital Elisabete Anderle (Fundação Catarinense de Cultura) pelo livro de contos *Todo maldito santo dia* (2014). Publica toda segunda-feira um texto de ficção inédito no “Caderno Plural” do jornal catarinense Notícias do Dia. Vive em Florianópolis.

Reconstruir um texto original

Em alta no mercado, representando a metade dos livros publicados pela editoras brasileiras, as traduções viabilizam ao leitor o acesso a obras e culturas de outros países, do presente e de outras épocas, a partir do exaustivo trabalho dos tradutores

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Marcelo Cipis Ilustração



O T R A D U T O R

Luci Collin define o tradutor como o *pontifex*, ou seja, um “construtor de pontes”, “aquele que recria um texto em outro idioma e permite que o sentido do original seja transposto, que exista e resista em outra cultura.” A tradutora sabe que o ofício não é fácil. Ela conta, inclusive, sobre a sua experiência em sala de aula, no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). “A experiência de confrontar resultados é reveladora. Há situações em que um mesmo texto é lido e interpretado de maneiras muito diferentes e as soluções são surpreendentemente díspares. Uma aula de tradução é um fórum que oscila divertidamente entre momentos de ‘sucesso’ e ‘fracasso’, ambos sempre de grande inspiração”, diz Luci, que ainda acrescenta: “O tradutor deve sempre considerar que as soluções por ele encontradas são apenas as suas, não melhores do que outras, nem definitivas.”

Tradutor do russo, incluindo o romance *Guerra e paz*, de Tolstói, e do inglês, o carioca Rubens Figueiredo afirma: toda tradução compreende alguma perda. “Só que isso não é exclusividade da tradução: qualquer transposição da experiência para a linguagem compreende uma perda de informação, em relação à fonte, ou seja, à experiência em si”, argumenta o carioca que traduz desde 1991. De acordo com Figueiredo, o que é chamado de tradução seria entendido de maneira mais própria se abrangesse toda e qualquer manifestação de linguagem. “Quero dizer, a expressão original de um pensamento ou de um relato já é uma tradução desde sua origem, pois o seu tema não nasce como texto escrito, e sim como experiência mental ou física. E também nessa transposição, em primeira instância, alguma perda é inevitável”, argumenta.

A complexidade de traduzir é definida pelo carioca Paulo Henriques Britto, considerado um dos mais competentes

“Tem que haver respeito ao original, pois sem ele o resultado não será uma tradução, mas se for levado às raias da loucura o resultado ficará ilegível. Já a liberdade de reescrita é fundamental. Toda tradução é uma reescrita.”

Paulo Henriques Britto

Walter Craveiro/Divulgação Flip.



Paulo Henriques Britto diz gostar mais de traduzir poesia. “Mas também adorei traduzir alguns livros difíceis, como *O arco-íris da gravidade* de Pynchon e *As viagens de Gulliver*, de Swift”, afirma.

profissionais em atividade no país, em uma frase: “O tradutor tem que tomar diversas decisões por minuto”. E, para fazer tais escolhas, quem traduz deve ter algumas qualificações. A principal delas, na opinião de Britto, é saber redigir muito bem na língua-meta — o idioma para o qual se traduz. “Todo o resto, até mesmo o conhecimento da língua-fonte [o idioma do texto original], é secundário em relação a essa exigência”, garante Britto — e o ponto de vista é endossado por outros tradutores brasileiros.

REESCREVER

Um dos desafios da tradução é: ser fiel ou recriar o texto original? Paulo Henriques Britto analisa que não se trata de uma opção binária, e sim de situar-se num *continuum* entre dois extremos. “Tem que haver respeito ao original, pois

“Uma aula de tradução é um fórum que oscila divertidamente entre momentos de ‘sucesso’ e ‘fracasso’, ambos sempre de grande inspiração. O tradutor deve sempre considerar que as soluções por ele encontradas são apenas as suas, não melhores do que outras, nem definitivas.”

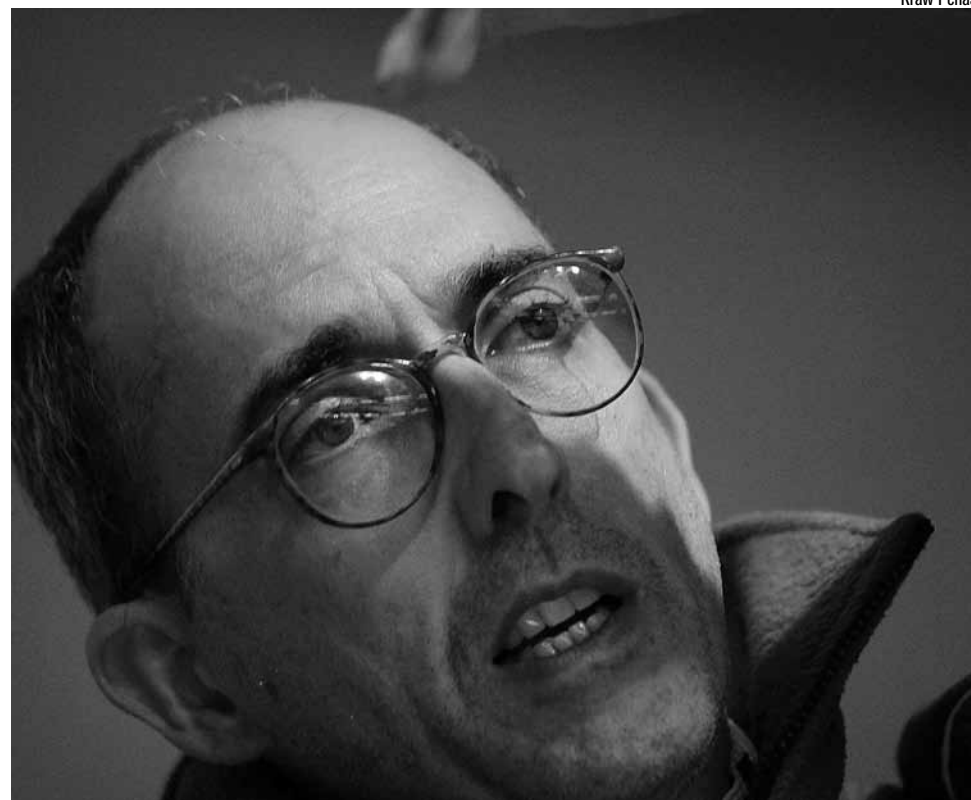
Luci Collin

sem ele o resultado não será uma tradução, mas se for levado às raias da loucura o resultado ficará ilegível. Já a liberdade de reescrita é fundamental. Toda tradução é uma reescrita”, afirma.

Rubens Figueiredo entende que os critérios de tradução mudam com o tempo. “São valores históricos, condicionados pelas relações sociais. Há uns duzentos anos, e até bem menos que isso, traduzir quase equivalia a fazer uma adaptação. Nos últimos cem anos, prevaleceu o critério de procurar a fidelidade na tradução, ainda que apenas idealmente”, diz. Para ele, o mais importante é conseguir entender o livro. “É também poder ao menos imaginar como um leitor hipotético do original, em seu país, sente e reage ao texto e a seus movimentos. Mas, como eu disse antes, o conceito de boa tradução varia no tempo histórico.”

Já no que diz respeito ao que seria mais difícil traduzir, prosa ou poesia, há um consenso entre os profissionais: cada gênero e cada autor têm as suas complexidades. “As demandas postas a um tradutor de prosa ou de poesia são de ordens diferentes e não vale muito compará-las. E as demandas específicas ligadas a um determinado autor são de uma natureza muito especial: o código próprio, a dicção, a voz e a expressão estética contextualizadas, a técnica literária explorada e as inovações trazidas por um determinado autor. São, enfim, muitos elementos conjugados”, comenta Luci Collin.

Para exemplificar o que diz, a curitibana cita algumas experiências. “Traduzir um romance de e. e. cummings, *A cela enorme*, foi um desafio pelo que o autor investe nos sentidos que brotam do cruzamento de diversas línguas (cummings mistura inglês, francês, alemão, e polonês no livro) e de diversas culturas, sempre com uma tensão trágico-cômica.” Já a tradução de textos de Gertrude Stein — Luci traduziu, em parceria com Dirce Waltrick do Amarante, O



Kraw Penas

Rubens Figueiredo já traduziu Paul Auster, Dashiell Hammett, Michael Ondaatje, entre outros, mas prefere os clássicos russos. “São livros incomparáveis, cuja fonte é a vivida, sincera e muito refletida preocupação com a vida das pessoas”, afirma.



Guilherme Pupo.

Luci Collin assina a tradução de oito livros e incontáveis textos, de vários autores. Ela diz que o aspecto de desafio e de jogo de combinações a atraem no processo tradutório: “Traduzo bastante, como uma prática visceral, pelo prazer mesmo de traduzir.”

“Há uns duzentos anos, e até bem menos que isso, traduzir quase equivalia a fazer uma adaptação. Nos últimos cem anos, prevaleceu o critério de procurar a fidelidade na tradução, ainda que apenas idealmente.”

Rubens Figueiredo



Denise Bottmann reconhece que o mercado se profissionalizou com a presença de tradutores e editores excelentes, mas, mesmo assim, afirma: “É difícil encontrar alguma tradução que não contenha algum erro de entendimento ou de modulação”.

que você está olhando (teatro) — ela diz ter sido estimulante pelas características que marcam a voz de Stein como autora, que desestabiliza o próprio sentido da escrita. “E traduzir a poesia do avassalador Vachel Lindsay foi a experiência mais emocionante que já tive como tradutora porque ele mistura música e literatura, gerando um texto de uma sonoridade preciosíssima.”

Denise Bottmann, curitibana radicada em Registo (SP), conta que, recentemente, teve uma experiência incomum ao traduzir *Moneyball*, ensaio jornalístico sobre beisebol, de Michael Lewis: “Contratei um especialista para me orientar na área, visto que não entendo nada de beisebol. Foi até meio imprudente de minha parte aceitar fazer essa tradução, mas foi uma relação tão legal, séria e enriquecedora. Fico sonhando em desenvolver um novo tipo de trabalho similar”. Denise diz que traduzir é uma delícia. “Além de ser a coisa

mais importante que existe. Já pensou um mundo sem acesso às línguas, obras e realizações de outras pessoas, de outras terras, culturas e épocas diferentes das nossas? Não dá nem pra imaginar.”

MERCADO EM ALTA

As obras traduzidas ocupam, em média, a metade do catálogo das editoras brasileiras. Isto vale para os 4 mil títulos, dos quais 2 mil são traduções, publicados pela Companhia das Letras em quase 30 anos de atividades, e também para o projeto editorial da Iluminuras que, desde 1987, viabilizou 350 traduções entre as 700 obras editadas. Editor na Companhia das Letras, Leandro Sarmatz conta que este ano a empresa vai colocar 150 novas traduções no mercado. Ele comemora o bom momento, inclusive o sucesso da parceria da Companhia com a Penguin, uma das maiores editoras de literatura clássica do mundo.

“Publicamos novas traduções de

Homero, Jane Austen, Jack London, Flaubert, Joyce, Maquiavel, entre outros, todos estes autores já contando com outras edições no Brasil. Acreditamos que, graças às características das edições Penguin/Companhia — seja por causa da qualidade da tradução, dos aparatos editoriais como introdução e notas —, podemos trazer uma nova luz a estes autores e livros que já circulavam previamente”, diz.

Sarmatz também chama atenção para o amadurecimento da tradução no Brasil citando o caso da literatura russa: “No passado, as traduções nacionais dos grandes autores russos do século XIX vinham contrabandeadas do francês ou do inglês. Hoje podemos ler diversas obras de Dostoiévski e Tchekhov em traduções feitas diretamente do original. Isso é uma amostra de um amadurecimento da prática e do mercado de tradução.”

Samuel Leon, editor e proprietário da Iluminuras, a exemplo de Sarmatz, elogia as traduções realizadas atualmen-

te no Brasil. “Sobretudo se compararmos com a produção da década de 1980”, observa. Leon analisa que há quatro décadas, apesar de trabalhos de qualidade pontuais, as traduções, em média, eram irregulares, seja pela ausência de uma edição final cuidadosa ou por haver poucos projetos buscando apresentar ao leitor brasileiro a obra completa de um determinado autor. “Avançamos muito. Hoje a realidade é outra.”

Os tradutores também percebem a profissionalização do mercado. Paulo Henriques Britto começou a traduzir em 1973 e, desde então, já verteu 111 títulos do inglês para o português, de Philip Roth a Jonathan Swift. “Em comparação com a situação que encontrei quando comecei nos anos 1970, a coisa melhorou muito. Paga-se melhor e às vezes respeitam-se os direitos autorais do tradutor. Mas ainda estamos bem longe de uma situação ideal”, avalia.

Denise Bottmann está no mercado desde a década de 1980, calcula ter traduzido 120 títulos e tem a mesma percepção de Britto: as condições de trabalho melhoraram. Ela lamenta que, apesar de traduzir do espanhol, do francês e do italiano, por causa da demanda, realiza mais traduções do inglês. Rubens Figueiredo, especialista em russo, também se depara com a situação de Denise. “O motivo é a dominação do capital americano e, acessoriamente, do inglês. Os livros, como a arte, são, no campo simbólico, instrumentos dessa dominação”, reflete.

Figueiredo é crítico em relação à profissionalização do setor. “Será que a valorização do tradutor entre nós não será, infelizmente, em larga medida, uma expressão indireta do avanço avassalador do processo de dominação do qual somos objeto?”, questiona. No entendimento dele, apesar da eficiência desejada pelas relações de trabalho “desumanizadas”, o principal é “o tradutor não ser tratado como máquina”. ■

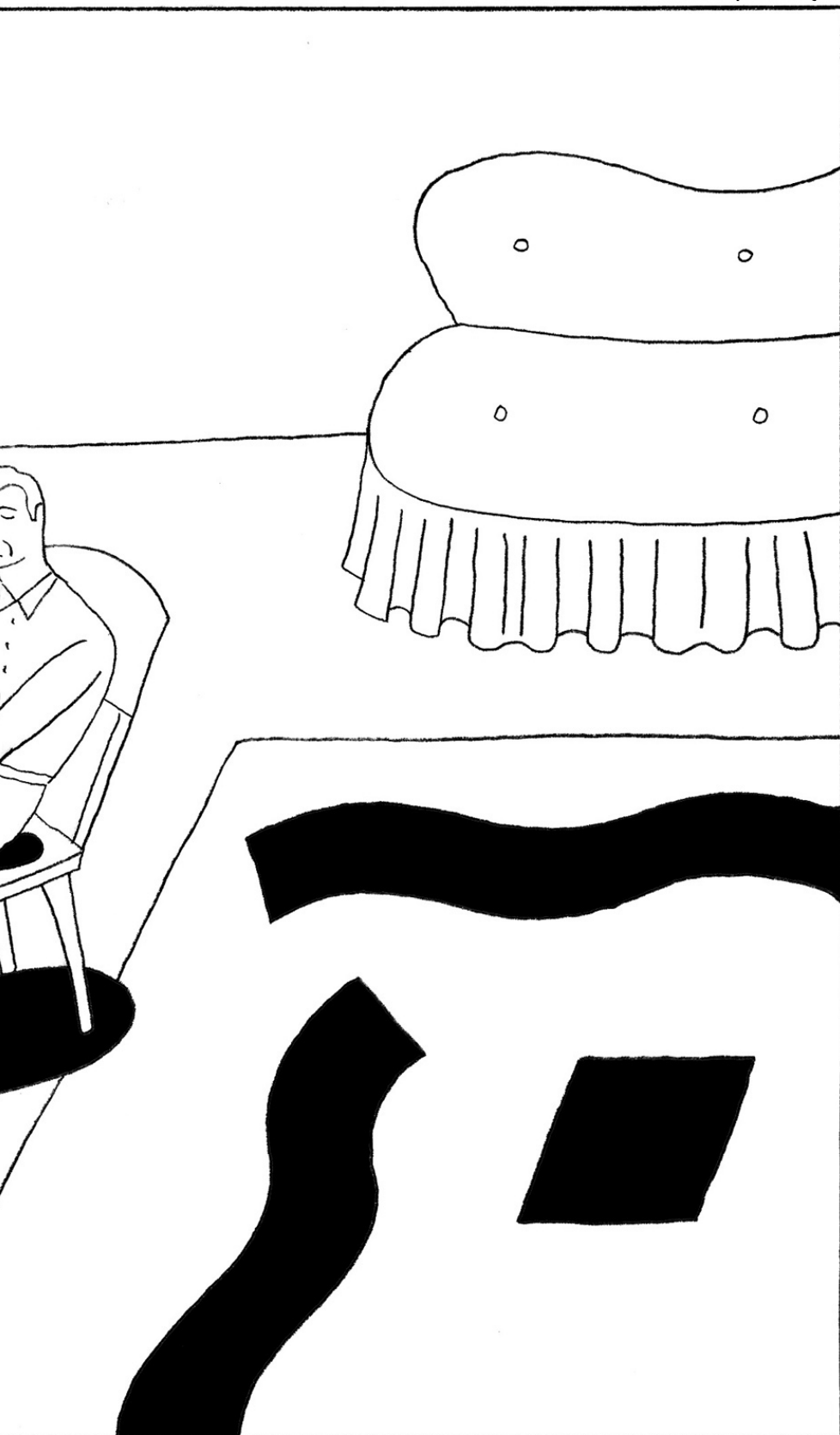
A lacraia conversível ou o submundo da tradução

Tradutor de *Dom Quixote*,
entre tantos outros livros
de língua espanhola,
Ernani Ssó cita inúmeros
equívocos de traduções
realizadas no Brasil nos
últimos anos



L E T R A

Marcelo Cipis Ilustração



DUCTEUR

Toda tradução pode ser criticada. As palavras não são como os números. Um quatro vale tanto no Brasil como na China, hoje ou daqui a cem anos. As palavras têm mais de um sentido, têm sinônimos, ritmos, reverberações. As palavras variam na mesma língua, dependendo da época, da região. As palavras envelhecem, morrem, às vezes ressuscitam ou trocam de identidade. Quer dizer, uma boa tradução está mais para arte do que ciência e por isso o seu julgamento não é preto no branco, dando margem a muitos argumentos.

Ernesto Sábato disse que a tradução argentina de *Orlando*, de Virginia Woolf, é demasiado borgeana, porque logo no começo se fala num “vasto mouro”. Jorge Luis Borges achou curioso, porque a tradução foi feita por sua mãe, embora os editores tenham preferido usar o nome dele. De qualquer forma, a tradução brasileira de *Orlando*, assinada por Cecília Meireles, também fala num “vasto mouro”. Sentiram o problema?

Agora, no feijão com arroz de todo dia, há erros absurdos, tão objetivos como bofetadas na cara do leitor. Mas vamos repartir a culpa. Uma tradução sai das mãos do tradutor e passa pela leitura de um editor que, para estar no cargo, espera-se, deve ser sensível e inteligente. Depois ela ainda passa por uns dois ou três revisores que devem saber português para serem revisores. Se eles topam com algo estranho, comunicam ao editor que, se não pode resolver o caso sozinho, fala com o tradutor ou outra pessoa. O que não se sabe, se pesquisa. Parece um esquema seguro, não parece? Mas basta folhear algumas páginas de meia dúzia de livros para termos dúvidas.

Antônio Callado traduziu *O amor nos tempos do cólera*, de García Márquez, para a editora Record. Foi muito elogia-

do, inclusive por Paulo Francis. Fui dar uma espiada para ver se aprendia alguns macetes. Na primeira página, tem a cena do fotógrafo e do cachorro mortos. No original, se diz que o cachorro estava “amarrado de la pata del catre”, quer dizer, amarrado à ou na perna da cama. Segundo Callado, o bicho estava “atado pela pata ao catre”. Costume exótico da Colômbia? Não, cochilo bobo. Na segunda página, me cansei do cotejo. Não encontrei nada mais pitoresco, mas um punhado de exemplos que provam que os elogios à tradução foram feitos sem o trabalho da comparação com o original.

No segundo parágrafo de 62 — *Modelo para armar*, de Julio Cortázar, se fala em “cadena de preguntas” (cadeia, corrente de perguntas). Algumas frases depois, isso repica em “otro elo a situar”. Glória Rodríguez, na sua tradução para a Civilização Brasileira, optou por “sequência de perguntas”. O elo se perdeu.

Mesmo autor, mesma tradutora, mesma editora: *Histórias de cronópios e de famas*. Na historinha “Conservação das lembranças”, se diz que os famas, “após fixada a lembrança com cabelos e sinais, embrulham-na da cabeça aos pés”. “Pelos y señas” é uma expressão — os famas fixam as lembranças em todos os detalhes, tim-tim por tim-tim.

No primeiro capítulo de *Rayuela*, há uma frase sobre os “matadores de brújulas”. Fernando Castro Ferro, na sua tradução também para a Civilização Brasileira, teve um ataque de realismo e “corrigiu” Cortázar para “destruidores de bússolas”.

Alguém que anda por aí, também do Cortázar, foi traduzido por Remy Gorga Filho para a Nova Fronteira. No conto “As caras da medalha”, se lê: “Em um café, depois de brigarmos rindo para saber quem pagaria a conta, olhamo-nos

como velhos amigos, inesperadamente camaradas, nos dissemos palavrões privados de sentido, garras de ossos brincando”. O que vocês acham? Tenho minhas dúvidas de que as garras de ossos possam passar por poesia. A mim causa um incômodo instantâneo. Alguma coisa me parece fora de esquadro.

É o seguinte: o Remy confundiu curso, “oso” em espanhol, com osso, “hueso”, em espanhol. Garras de ursos brincando pode não ser uma grande metáfora, mas, convenhamos, indica claramente o que se passa com aquele casal.

Agora, me parece que o Remy cometeu um erro mais sutil no título: “As caras da medalha”. Cara é uma palavra bastante forte em português. Entra em mais de uma expressão: cara de pau, cara de tacho, cara a cara, dar as caras, com a cara no chão, encher a cara, fechar a cara, estar na cara ou de cara, enfim, a lista é longa. Tudo isso pesa. Dá um ar mais popular ou mais cru à palavra. Mas, mais importante, quando falamos cara, pensamos no rosto todo. Os lados do rosto são as faces. Tanto que a expressão duas caras quer dizer falta de sinceridade, não o lado esquerdo e o direito. “As faces da medalha” não soa melhor e não é mais plausível? Mas se o conto tivesse sido escrito em português, provavelmente se chamaria “As faces da moeda”, nunca da medalha.

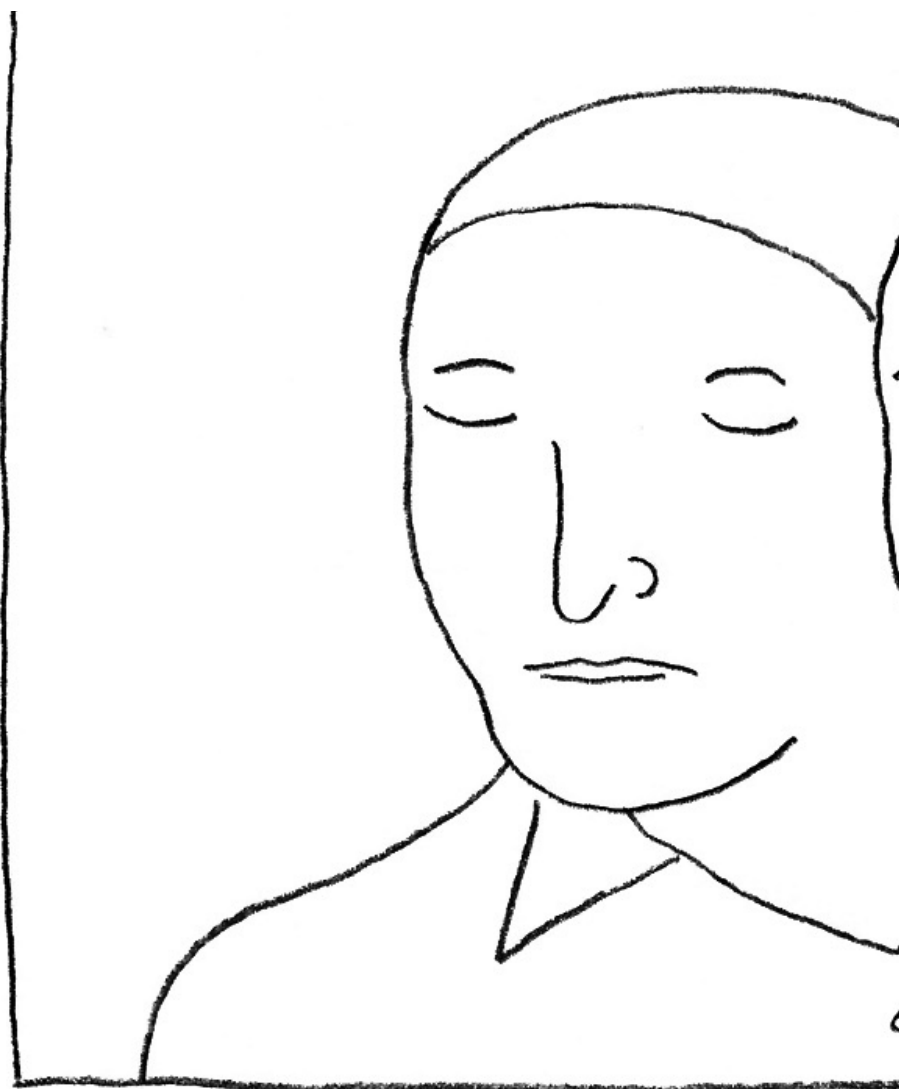
Nos contos de Borges, seguindo aparecem “orilleros”. “Orilla” é margem. Vai daí, Hermilo Borba Filho, na tradução de *O informe de Brodie*, para a Globo, no primeiro parágrafo de “A intrusa”, nos deu “ribeirinhos”. Não há rio no conto. Carlos Nejar, também para a Globo, no volume *Ficções*, no primeiro parágrafo de “Funes, o memorioso”, preferiu “margeador”. Segundo o Aurelião, margeador é alguém que trabalha

em gráfica. “Orillero” é o morador dos subúrbios, ou dos arredores da cidade, geralmente meio marginal. Nesse mesmo conto, na primeira frase, “con una oscura pasionaria en la mano” se transforma em “com um escuro livro da paixão nas mãos”, o que é muito para uma simples flor de maracujá.

Falando em Nejar, ele declarou ao jornal *Já*, de Porto Alegre, na época da morte de Borges, que não teve problema nenhum para traduzi-lo. Acredito. Abrindo *Ficções* quase que em qualquer página se vê que quem teve problema foi Borges.

Pepe Escobar traduziu *Os conjurados*, último livro de Borges, para a Editora Três. Disse que tentou não atrair Borges na medida do possível e que traduzi-lo foi — e é — uma artimanha da libido. Vejamos um exemplo ao acaso. Há quase que dois ou três por página. Um verso do poema “Todos os passados, um sonho”: “una mano templando una guitarra” (uma mão afinando um violão) se tornou, na versão libidinosa, “uma mão moderando uma guitarra”. Certo, “templar” também é moderar, mas no caso não faz sentido nenhum. Ler o verbete inteiro no dicionário não está dentro do possível?


Ivan Junqueira traduziu para a Rocco o *Prólogos com um prólogo dos prólogos*, de Borges. No prólogo de *A invenção de Morel*, no segundo parágrafo, falta a seguinte frase: “Essa liberdade plena acaba por equivaler à plena desordem”. Parece grave? As traduções de Kafka feitas pelo Torrieri Guimarães têm trechos inteiros faltando. É que a parte mais chata da tradução, depois do pagamento irrisório e atrasado, é o cotejo do texto com o original. Geralmente o tradutor deixa isso para o editor e o editor jura que tinha deixado para o tradutor.



T H E T R A



NSLATOR

 **Ernani Ssó** traduziu, entre muitos, *Dom Quixote*, de Cervantes, para a Penguin-Companhia, e é autor do romance *Como o diabo gosta*, a sair pela Cosac Naify. Vive em Porto Alegre (RS).

No próximo parágrafo desse mesmo prólogo, há este trecho: “se hundió en el corazón de laberintos hechos de laberintos” (mergulhou no coração de labirintos feitos de labirintos). Segundo Junqueira: “se fundiu no coração de labirintos”. Segundo Vera Neves Pedroso, que traduziu *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares, também para a Rocco: “mergulhou no âmago de labirintos”. Depois o pobre leitor pensa estar se deliciando com as sutilezas do estilo de Borges.

Nas novelas de Georges Simenon, encontrei mais de uma vez jornal diário (“*quotidien*”) traduzido por cotidiano, como em *O presidente*, na tradução de Áurea Weissenber, para a Nova Fronteira. Esse mesmo erro aparece em *Georges Simenon – Uma biografia*, de Pierre Assouline, traduzido para a Siciliano por Raul de Sá Barbosa. O melhor foi um “cotidiano de grande circulação”, mas não lembro em que novela.

Na página 237 de *Santa Evita*, de Tomás Eloy Martínez, traduzido por Sérgio Molina para a Companhia das Letras, se lê a seguinte frase: “Era um desses momentos em que a tarde está indecisa, conforme as palavras de Cifuentes: a luz oscila entre o cinza, o púrpura e o laranja como uma vaca boba”. Vaca boba, como? Fui ao dicionário: não, a vaca não era boba, era a vaca da festa de casamento. “La vaca de la boda” é uma expressão que nasceu de uma festa medieval, tipo farra do boi, em que a multidão espanta uma vaca de um lado para o outro, até a pobre não saber pra que lado correr.

É fácil o olho da gente trocar uma letrinha e assim formar outra palavra. Por isso é preciso reler. Numa releitura quase sempre um erro desses fica claro. Digo quase porque acontece às vezes de o erro fazer sentido dentro da frase. Por isso, além de reler, temos de com-

parar frase a frase a tradução e o original.

Agora, a obra-prima pertence a uma edição da Artenova. Na página 25 de *O olhar de despedida*, de Ross Macdonald, traduzido por Marcos de Almeida, uma garota espia num estacionamento uma “lacría conversível”. Suponho que se referisse àqueles carros que se chamavam baratas. Mas, mesmo assim, é forte. A lacraia tem mais de noventa patas que a barata.

Esses erros são sinal do quê? Ignorância das duas línguas, principalmente do português? Se em alguns casos é exatamente isso, na maioria a culpa parece estar na pressa, no desleixo, no desrespeito e numa autoconfiança à prova de balas. Qualquer revisão digna desse nome não deixaria passar nada disso.

Agora, talvez o mais perigoso não sejam esses erros cabeludos. Afinal, qualquer um, com dois dedos de testa, se dá conta de que uma lacraia conversível é coisa de ficção científica. Talvez o mais perigoso sejam as pequenas traições. Como Fernando Castro Ferro liquidando a poesia dos matadores de bússolas. Como Ivan Junqueira e Vera Pedroso mergulhados no coração de enganos e resumos estúpidos. Como no elo perdido de Glória Rodríguez. Como nas caras das medalhas do Remy Gorga Filho.

Em primeiro lugar, esse tipo de erro é muito mais comum. Para cada lacraia conversível — ou descapotável, se for em Portugal —, há dezenas, centenas de idiotices sem perdão, temo que algumas cometidas por mim mesmo. Pior, o leitor que não tem acesso ao original, engole tudo, porque no fim das contas o texto faz sentido. É mais pobre, mais feio, mas faz sentido. Essa corrupção estilística é um caso sério. Literatura não se faz com mera informação. ■

Traduzir é preciso

Cerca de 50 autores vão representar o país no Salão do Livro de Paris 2015, que acontece entre o dias 20 e 23 deste mês. Na condição de homenageado da 35ª edição do evento, o Brasil contará com um espaço especial no pavilhão de exposições de Porte de Versailles, onde haverá venda de livros, palestras com escritores e uma programação cultural paralela. A ação faz parte do esforço recente do Ministério da Cultura (MinC) para promover a literatura brasileira no exterior — uma política que inclui a participação em feiras internacionais e, especialmente, o incentivo à tradução.

Editores e autores são unânimes em reconhecer que estimular a produção de traduções para outros idiomas é crucial para a circulação mundial do livro brasileiro (e, conseqüentemente, da língua portuguesa e da produção intelectual do país). O Governo Federal também tem esse entendimento, e há quatro anos anunciou um investimento de R\$ 12 milhões, até 2020, em ações nesse sentido. Uma delas foi a reestruturação do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, criado em 1991 pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), vinculada ao MinC.

No ano passado, 52 títulos foram traduzidos e publicados em outras línguas por meio do projeto. *Dom Casmurro* (Machado de Assis), por exemplo, foi adaptado para o amárico, idioma oficial da Etiópia. *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, virou *Vecniot sin* na República da Macedônia. *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera, saiu na Espanha em duas edições diferentes: em espanhol e

Para autores e editores, programas governamentais de estímulo à tradução têm sido fundamentais para a circulação da literatura brasileira no exterior

OMAR GODDY



Clarice Lispector, *Blása liv* (*Um sopro de vida: pulsações*), Tranan & Trasten, tradução de Örjan Sjögren (Suécia).



Manoela Sawitzki, *Dame de nuit* (*Suíte dama da noite*), Tupi or not Tupi Éditions, tradução de Élodie Dupau. (França).



Hilda Hilst: *Cartas de un seductor* (*Cartas de um sedutor*), El Guenco de Plata, tradução de Teresa Arijón e Bárbara Belloc (Argentina).



Ricardo Domeneck, *Ciclo del amante sustituible* (*Ciclo do amante substituível*), Kriller71 Ediciones, tradução de Aníbal Cristobo. (Espanha).



Machado de Assis, *Ex Cathedra: stories by Machado de Assis* (*Ex Cathedra: histórias de Machado de Assis*), Edição Bilingue, New London Librarium/ Fogão de Lenda, organizado por Glenn Alan Cheney, Luciana Tanure e Rachel Kopit. Vários tradutores (Reino Unido).

catalão. Até *O Alquimista* (Paulo Coelho), certificado pelo Guinness Book como o livro mais traduzido do mundo, ganhou uma versão em armênio.

O sistema consiste na oferta de “bolsas” para editoras estrangeiras que demonstrem interesse em lançar obras de autores brasileiros. Essas empresas devem comprovar que são atuantes no mercado e apresentar o currículo do tradutor a ser contratado. O valor do subsídio pode variar entre US\$ 1 mil e US\$ 8 mil. A FBN ainda promove iniciativas como o Programa de Residência de Tradutores Estrangeiros no Brasil e a revista *Machado de Assis*, coeditada com o instituto Itaú Cultural.

“A recente onda de traduções de autores brasileiros no exterior seria no máximo uma marolinha, talvez nem isso, se a Biblioteca Nacional não tivesse vitaminado e desburocratizado esses projetos”, garante o escritor, crítico e jornalista Sérgio Rodrigues. Presença confirmada no Salão de Paris, ele teve seu premiado romance *O dribble* (2013) publicado na Espanha pela editora Anagrama, com tradução subsidiada pelo Governo Federal. “Há quem ache que se trata de uma ação estatal indevida. Mas esses críticos talvez não saibam que qualquer país menos bagunçado do mundo adota programas semelhantes ao brasileiro, até mais agressivos. Entre eles França, Alemanha, Espanha, Holanda, Itália e Japão”, diz.

Para Luciana Villas-Boas, criadora da empresa de agenciamento e consultoria literária VBM, a multiplicação de livros brasileiros publicados no exterior nos últimos anos não teria sido possível sem as políticas de apoio à tradução

do MinC. “O país está sem dinheiro para beber água e acender uma lâmpada. Mas, se for para cortar verbas desses programas, que terminem as viagens e participações em feiras, e que sejam mantidas as traduções”, afirma a executiva, ex-diretora do Grupo Record, onde trabalhou durante 17 anos.

SEM RESSONÂNCIA

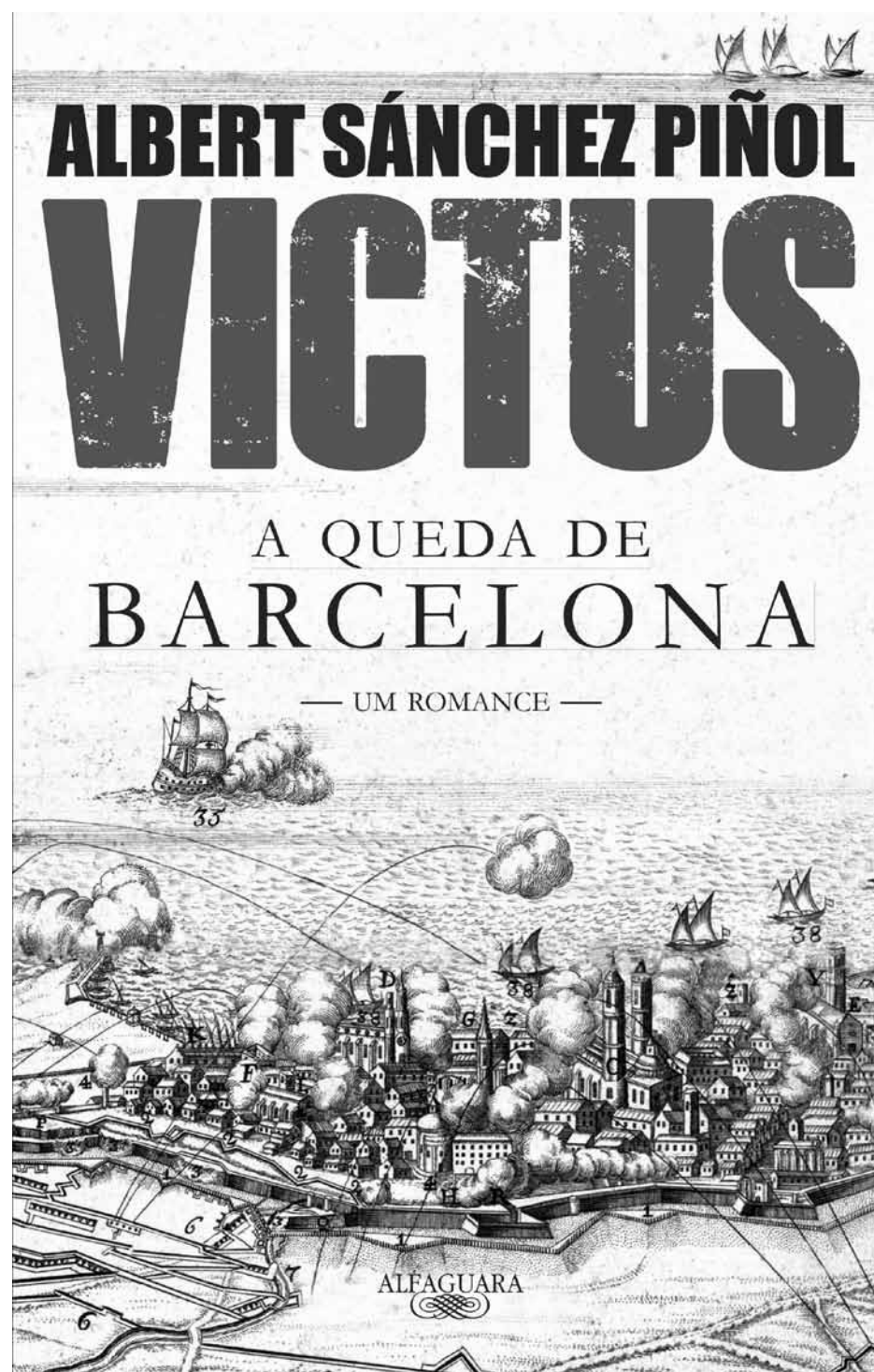
Subsídios à parte, existe, de fato, uma demanda por autores brasileiros no exterior? Há interesse por uma literatura que reflita o novo momento do país, agora mais integrado com o cenário global? Para Luciana, editores e leitores nunca se pautaram por esse tipo de critério. “O que interessa são bons livros, de preferência bem lançados, contemplados com uma boa verba de marketing. De qualquer forma, o editor internacional mostrará mais boa vontade de avaliar livros que tiveram ressonância no Brasil e mereceram prêmios e consagração da crítica”, explica.

O problema é que essa “ressonância” interna está cada vez mais limitada, como aponta Alberto Mussa, um dos autores mais beneficiados com as bolsas de tradução. “Desde mais ou menos meados dos anos 1980, o escritor brasileiro deixou de ser o mais vendido no Brasil. E o editor estrangeiro aposta pouco em quem vende pouco em seu país”, afirma o autor de obras como *O enigma de Qaf* e *O senhor do lado esquerdo*, vertidas para 12 idiomas. “Só quando o autor nacional voltar a ser lido aqui é que vamos poder aumentar o número de edições internacionais. Nesse sentido, a ação fundamental ainda é o investimento em educação”, completa. ■



Sérgio Rodrigues, *El regate* (*O dribble*), Editorial Anagrama, tradução de Juan Pablo Villalobos. (Espanha).

Victus



El gran Vauban reposaba en una cama con sendas columnas en las esquinas que se proyectaban hasta el techo. Su torso estaba medio incorporado gracias a un voluminoso cojín. Se moría, en efecto. mPero incluso en esa última hora su presencia imponía. Su respiración, entrecortada, era el ronroneo de un león. Jeanne también estaba allí.

Según el protocolo tendría que haberme acercado a los pies de la cama y saludar al gran hombre con una inclinación de la cabeza. No pude. Le debía los dos años más fructíferos de mi vida, la formación de mi carácter y mi destino. Me abalancé sobre su mano y la llevé a mi mejilla, llorando como un bebé. En favor de la familia Vauban, diré que nadie me lo impidió ni me lo recriminó. Es más, cuando levanté la cabeza el marqués me observaba, y si un padre le dice a un hijo con la mirada «yo te he hecho», esa fue la mirada más paternal que jamás me hayan dedicado.

El marqués dijo:

— Ha entrado en esta habitación como aspirante. Deseo que salga de ella como ingeniero real.

Pidió a sus hijas y a sus secretarios que nos dejaran a solas. A Armand y a Zenon les ordenó que se apostaran ante la puerta. Me habría gustado ver la cara del tipo que nos cortó el paso: el secretario volvía a aparecer ante él, ahora por duplicado.

— Por motivos obvios — siseó el marqués —, tendrá que ser un examen

breve. Voy a hacerle una sola pregunta. — Durante unos instantes contempló el techo con la boca abierta, pensativo. Por fin, sin apartar los ojos del cielo, dijo —: Resuma el siguiente tema: bases de la defensa óptima de una plaza asediada.

No podía imaginarme una pregunta más sencilla. Así, pues, se trataba de un simple trámite. Antes de morir Vauban quería proyectar al mundo su último ingeniero, eso era. Por mucho que disimulara, yo sabía que estaba orgulloso de ese alumno díscolo y respondón y al mismo tiempo tan bien dotado para el oficio. Empecé esbozando las columnas vertebrales en que se apoyaba una buena fortaleza bastionada. El glacis, el camino cubierto, las distancias correctas entre bastiones para que las áreas batidas no ofrecieran puntos ciegos. Hasta me permití un análisis de la gola, es decir, la entrada a los bastiones, que, a mi entender, por lo general se diseñaba demasiado estrecha. Pero entonces ocurrió algo imprevisto.

Vauban me interrumpió. Aún tuvo fuerzas para levantar la voz.

— ¡En síntesis, por favor!

Y lo que me asustó fue que también dijo:

— No, no es eso.

Así pues, ¿iba desencaminado? Me puse nervioso. Hablé del grosor de los muros, de los grados de inclinación. Del aprovechamiento del terreno para erigir defensas. Del foso y de las diver-

sas formas de obturar brechas abiertas. Su mirada de disgusto me decía que no, que no era eso lo que quería oír. Hasta se pasó una mano por la frente, signo inconfundible de disgusto en el marqués. Hablé de las guarniciones, el número de hombres adecuado según el tamaño de la fortificación, las armas, municiones y provisiones necesarias. Cité a Herón de Constantinopla y sus sabios consejos al general que defendiera una plaza. En ese momento una punzada de dolor asaltó al marqués. Entornó los ojos, la boca crispada. Miró al techo, como pidiendo un aplazamiento, y dijo:

— ¡No, no y no! Vaya a lo esencial, se nos agota el tiempo. — Y suspiró —. Bastaría con que mencionara una palabra, una sola que resume la defensa perfecta.

Los que agonizan no tienen tiempo para inconcreciones, y Vauban me trataba como si fuera un sinsustancia. Mi espíritu se tambaleó. Dudé de todo lo aprendido. ¡Mi resumen era exacto, sin grasa! ¿Qué se me escapaba? Insistí un poco más. Quizás Vauban quería saber la parte compasiva del arte de la defensa, así que referí todas y cada una de las medidas para mantener a salvo a los civiles mientras durara el asedio. No. Iba mal. Me detuve. No tenía ni idea de la respuesta que deseaba. Callé.

Él levanto el dedo índice y dijo algo que me llevaré a la tumba:

— Una palabra. Le basta con

pronunciar una palabra.

Di un paso hacia su cama e incluso me incliné apoyando los puños en el colchón.

— Pero *monseigneur* — dije con el tono de voz más dulce y respetuoso que he usado en mi vida —, acabo de referir todo lo que Bazoches me ha enseñado.

Fue como si Vauban se rindiera. Se llevó una mano a los ojos.

— No, no lo ha hecho. No lo ha entendido. Basta. — Jadeó sin mirarme —. En conciencia, no puedo darle mi plácet. Créame que lo siento, tendrá que buscar otro maestro más eficiente que yo. Le he fallado. — Y dictaminó —: No es usted apto.

Creí que el que se moría era yo, y no él. Hizo un gesto cansado con la mano, que volvió a caer sobre la cama.

— Ahora tengo una audiencia que no puedo eludir. Váyase.

Salí de la habitación más blanco que el yeso. Los Ducroix entendieron de inmediato lo ocurrido y me llevaron aparte, ocultándome del gentío carroñero. Yo a duras penas podía hablar. Me descubrí el antebrazo, desesperado:

— ¡El quinto Punto! Lo tengo grabado en la piel, pero no es mío. ¿Quién lo validará ahora? ¿Quién?

Mientras me arrastraban, gime como un perrito que acaba de recibir una paliza inmerecida.

— Pero ¿qué palabra me pedía el marqués? — dije entre sollozos —. ¿Qué palabra?

Había ido a París a examinarme, la prueba más importante de mi vida. Me iría habiendo aprendido una lección tan amarga como inútil: ¿cuándo sabemos que todo está perdido? Cuando hasta los que te aman callan. Porque los Ducroix suspiraban afligidos, y el único consuelo que pudieron ofrecerme fue esconderme a la vista de los demás, llevándome a la sala más alejada de aquella casa visitada por la muerte.

Sébastien Le Prestre de Vauban murió el 5 de marzo de 1707. De las exequias y el funeral solo me queda una sensación de vértigo borroso. «No es apto.»

Yo era la última creación de Bazoches y, si me toleran la osadía, la más elaborada. Una máquina perfeccionada durante dos años de rigores y disciplina. En los últimos días de mi adiestramiento me sentía capaz de todo. Constantinopla sufrió veinticinco asedios. Yo estaba seguro de poder defenderla de los veinticinco ejércitos a la vez. O de asaltarla, si sirviera a un amo opuesto. Solo pediría quince días de cerco para crear tres paralelas. Y ahora no era nada. Aquella negativa me condenaba a un limbo en vida. «Una palabra, una sola.» Pero ¿cuál? Aquella sentencia me convertía en un monstruo, el feto de un unicornio abortado.

Una de las innumerables personalidades que acudieron al último adiós fue el caballero Antoine Bardonche, aquel capitán de infantería con el que a veces nos solazábamos Jeanne, su hermana y yo, jugando a la gallinita ciega a

orillas de algún riachuelo o por los pasillos de Bazoches. Yo aún estaba sentado en el banco de un pasillo, los codos apoyados en las rodillas y los dedos cruzados, hundido, la mente vacía de pensamientos y llena de dolor, cuando se me acercó Bardonche, esbelto y luciendo su blanco uniforme.

— Está usted melancólico, mi buen amigo — dijo, tan jovial como siempre pese a estar en los entremedios de un funeral —. Me comentan que se halla a la búsqueda de un futuro de provecho.

No tenía fuerzas ni para contestar. Bardonche siguió:

— Ya que estudia ingeniería, debería poner en práctica los conocimientos adquiridos. ¿Le gustaría incorporarse a una brigada de ingenieros como ayudante? Así ganará experiencia práctica. Con el tiempo lo confirmarán como integrante del cuerpo real, estoy seguro.

Con la muerte del marqués era evidente que Bazoches se convertiría en algo muy distinto, y que Jeanne tomaría las riendas. No podía quedarme. Asentí desvaidamente con la cabeza. Bardonche, risueño, se golpeó la palma derecha con el puño izquierdo:

— *Rejoignez l'armée du roi!*

Jeanne había sido el yunque y Vauban el martillo. Y yo, un pedazo de latón aplastado entre los dos. Todo me daba igual. Si me hubieran ofrecido una plaza en Anatolia, como constructor de cercos para piaras turcas, también habría dicho que sí. En cuanto a Jeanne, mi última conversación con ella solo sirvió

para destrozarme aún más el alma.

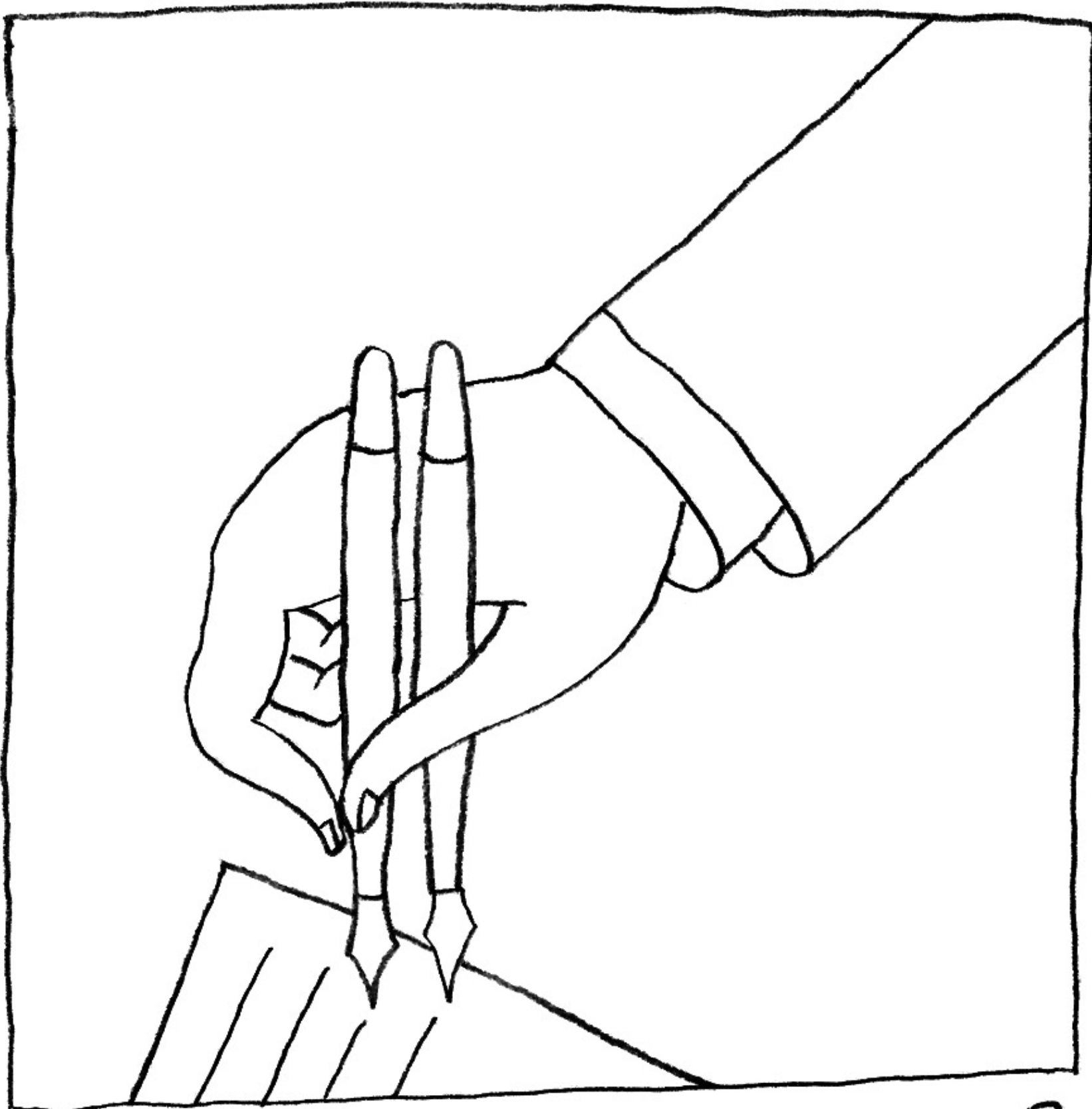
—Tú hiciste que me admitiera en Bazoches — rememoré —. Mentiste a tu padre. Le dijiste que era yo el que conocía mejor su obra, y no era cierto. Quizás fue un error, quizás nunca tendría que haberos conocido. Y hoy todos seríamos más felices.

— Pero Martí — replicó —, yo no le dije ninguna mentira. Hice una relación exacta de las respuestas de los tres aspirantes, incluida la tuya. «Una flor de piedra», así describiste su mejor fortaleza. Y mi padre dijo: «Ese será mi alumno, ese puede que tenga corazón de ingeniero».

Vauban murió en París pero fue enterrado en Bazoches. El corazón separado del cuerpo, en una urna. Era un hombre que respetaba el orden, no quiso oponerse a las convenciones de su tiempo. Pero para quien supiera ver, ahí estaba todo: el cuerpo para los curas, su corazón para el *Mystère*. Si ustedes son creyentes, sepan que de todos los seres humanos que han existido desde que el mundo es mundo, Vauban es el único de quien me atrevería a jurar que está allá arriba. Me apuesto lo que quieran a que al verlo venir le abrieron las puertas del cielo, de par en par y sin rechistar. O eso o san Pedro se arriesgaba a que volviera con un regimiento de zapadores. Yo creo que habría tomado el cielo en siete días. Bueno, seamos piadosos; aunque solo sea para no ofender al que según los ilusos creó toda esta mierda, dejémoslo en ocho.



Marcelo Cipsis Ilustração



EL TRADUCTOR

Victus

Traduzido por Ari Roitman e Paulina Wacht

O grande Vauban estava repousando numa cama com colunas nos quatro cantos que se projetavam até o teto. Seu torso estava semierguido graças a uma volumosa almofada. Ia morrer, de fato. Mas mesmo nesses últimos momentos sua presença se impunha. Sua respiração, entrecortada, era o ronronar de um leão. Jeanne também estava lá.

Segundo o protocolo, eu deveria me aproximar dos pés da cama e cumprimentar o grande homem com uma inclinação de cabeça. Não consegui. Eu lhe devia os dois anos mais férteis da minha vida, a formação do meu caráter e do meu destino. Pulei até sua mão e a pus na minha bochecha, chorando como um bebê. A favor da família Vauban, direi que ninguém me impediu nem me reprimiu. E mais, quando levantei a cabeça o marquês me estava observando. Se um pai diz com o olhar a seu filho “eu fiz você”, aquele foi o olhar mais paternal que eu já havia recebido na vida.

O marquês me disse:

— Você entrou neste quarto como aspirante. Desejo que saia como engenheiro real.

Pediu às filhas e aos secretários que nos deixassem a sós. Mandou Armand e Zenon ficarem diante da porta. Eu gostaria de ter visto a cara do sujeito que impediu a nossa passagem: o secretário voltava a aparecer à sua frente, agora duplicado.

— Por motivos óbvios — ciciou o marquês —, isto tem que ser um exame breve. Vou lhe fazer uma única pergunta. — Durante alguns instantes, contemplou o teto com a boca aberta, pensativo. Por fim, sem tirar os olhos do céu, disse: — Resuma o seguinte tema: bases da ótima defesa de uma praça assediada.

Eu não podia imaginar uma pergunta mais simples. Ou seja, aquilo era apenas uma formalidade. Antes de morrer, Vauban queria projetar o seu último engenheiro no mundo, era isso. Por mais que ele escondesse, eu sabia que estava muito orgulhoso deste aluno rebelde e respondão, e ao mesmo tempo tão bem dotado para o ofício. Comecei esboçando as colunas vertebrais em que se apoiava uma boa fortaleza com bastiões. A esplanada, o caminho coberto, as distâncias corretas entre os bastiões para que as áreas adjacentes não tivessem pontos cegos. Até me permiti uma análise da gola, quer dizer, a entrada para os bastiões, que a meu ver geralmente era desenhada muito estreita. Mas então ocorreu uma coisa imprevista.

Vauban me interrompeu. Ainda teve forças para levantar a voz.

— Em síntese, por favor!

E o que me assustou foi que também disse:

— Não, não é isso.

Então, eu tinha perdido o rumo? Fiquei nervoso. Falei da espessura dos muros, dos graus de inclinação. Do aproveitamento do terreno para erigir

defesas. Do fosso e das diversas formas de obturar brechas abertas. Seu olhar de desagrado me dizia que não, que não era isso o que ele queria ouvir. Passou até a mão na testa, um inconfundível sinal de contrariedade no marquês. Falei das guarnições, do número de homens adequado segundo o tamanho da fortificação, as armas, munições e provisões necessárias. Citei Herão de Constantinopla e seus sábios conselhos ao general que tivesse que defender uma praça. Nesse momento uma pontada de dor assaltou o marquês. Ele entreabriu os olhos, a boca crispada. Olhou para o teto, como pedindo um adiamento, e disse:

— Não, não e não! Vá ao essencial, o tempo está se esgotando. — E suspirou. — Bastaria mencionar uma palavra, uma só que resume a defesa perfeita.

Quem agoniza não tem tempo para abstrações, e Vauban me tratava como se eu fosse um inepto. Meu espírito cambaleou. Duvidei de tudo o que tinha aprendido. Meu resumo era exato, sem gordura! O que me escapava? Insisti mais um pouco. Talvez Vauban quisesse saber a parte compassiva da arte da defesa, então enumerei todas e cada uma das medidas para proteger os civis durante o assédio. Não. Estava errado. Parei. Não tinha a menor ideia da resposta que ele desejava. Calei-me.

Ele levantou o dedo indicador e disse algo que irá comigo para o túmulo:

— Uma palavra. Basta pronunciar uma palavra.

Dei um passo em direção à cama e até me inclinei, apoiando os punhos no colchão.

— Mas, monseigneur — disse no tom de voz mais doce e respeitoso que usei em toda a minha vida —, acabei de citar tudo o que Bazoches me ensinou.

Foi como se Vauban desistisse. Levou uma das mãos aos olhos.

— Não, não o fez. Não entendeu. Chega. — Ofegou sem me olhar. — Em sã consciência, não posso lhe dar minha aprovação. Acredite que lamento muito, mas vai ter que procurar outro professor mais eficiente que eu. Falhei. — E determinou: — Você não é apto.

Pensei que quem ia morrer era eu, não ele. Fez um gesto cansado com a mão, que voltou a cair sobre a cama.

— Agora tenho uma audiência que não posso evitar. Pode ir.

Saí do quarto mais branco do que gesso. Os Ducroix entenderam imediatamente o que tinha acontecido e me levaram para um canto, escondendo-me da multidão feroz. Eu quase não conseguia falar. Mostrei o antebraço, desesperado:

— O quinto Ponto! Está gravado na minha pele, mas não é meu. Quem o validará agora? Quem?

Enquanto eles me arrastavam, eu choramingava feito um cachorrinho que acabou de receber uma surra imerecida.

— Mas que palavra o marquês me pedia? — disse entre soluços. — Que palavra?

Eu havia ido a Paris fazer um exame, a prova mais importante da mi-

nha vida. Voltaria tendo aprendido uma lição tão amarga como inútil: quando sabemos que tudo está perdido? Quando até os que te amam se calam. Porque os Ducroix suspiravam aflitos, e o único consolo que puderam oferecer-me foi me esconder da vista dos outros, levando-me para o aposento mais isolado daquela casa visitada pela morte.

Sébastien Le Prestre de Vauban morreu no dia 5 de março de 1707. Das exéquias e do enterro só me resta uma sensação de vertigem imprecisa. “Não é apto.”

Eu era a última criação de Bazoches e, se me toleram a ousadia, a mais elaborada. Uma máquina aperfeiçoada durante dois anos de rigores e disciplina. Nos últimos dias do meu treinamento, eu me sentia capaz de tudo. Constantinopla sofreu vinte e cinco assédios. Eu estava certo de poder defendê-la dos vinte e cinco exércitos ao mesmo tempo. Ou de assaltá-la, se servisse a um amo oposto. Só pediria quinze dias de cerco para criar três paralelas. E agora, não era nada. Aquela recusa me condenava a um limbo em vida. “Uma palavra, uma só.” Mas qual? Essa sentença me transformava num monstro, no feto de um unicórnio abortado.

Uma das inúmeras personalidades que compareceram ao último adeus foi o cavaleiro Antoine Bardonenche, aquele capitão de infantaria com quem às vezes Jeanne, sua irmã e eu nos divertíamos, brincando de cabra-cega à beira de algum riacho ou nos corredores de Bazoches. Eu estava sentado no

banco de um corredor, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os dedos cruzados, abatido, arrasado, vazio de pensamentos e cheio de dor, quando Bardonenche se aproximou de mim, esbelto em seu uniforme branco.

— Parece melancólico, meu bom amigo — disse, jovial como sempre apesar de estar no meio de um funeral. — Ouvi falar que você está à procura de um futuro de proveito.

Eu não tinha forças nem para responder. Bardonenche continuou:

— Já que estudou engenharia, deveria pôr em prática os conhecimentos que adquiriu. Não gostaria de se incorporar a uma brigada de engenheiros, como ajudante? Assim ganha experiência prática. Com o tempo será confirmado como membro do corpo real, tenho certeza.

Com a morte do marquês, era evidente que Bazoches se transformaria em algo muito diferente, e que Jeanne assumiria as rédeas. Eu não podia ficar lá. Concordei esvaidamente com a cabeça. Bardonenche, sorrindo, bateu na palma da mão direita com o punho esquerdo:


— *Rejoingnez l’armée du roi!*


Jeanne tinha sido a bigorna e Vauban o martelo. E eu, um pedaço de latão esmagado entre os dois. Dava tudo no mesmo para mim. Se tivessem me oferecido um lugar em Anatólia, como construtor de cercas para pias turcas, também diria que sim. Quanto a Jeanne, minha última conversa com ela só serviu para destroçar ainda mais a minha alma.


— Você conseguiu que ele me aceitasse em Bazoches — rememorei. — Mentiu para o seu pai. Disse que era eu quem mais conhecia a sua obra, e não era verdade. Talvez tenha sido um erro, talvez fosse melhor nunca tê-los conhecido. E hoje estaríamos todos mais felizes.

— Mas, Martí — replicou —, eu não disse mentira nenhuma. Fiz um relato exato das respostas dos três aspirantes, inclusive a sua. “Uma flor de pedra”, assim você descreveu sua melhor fortaleza. E meu pai disse: “Esse será meu aluno, esse pode ter um coração de engenheiro.”

Vauban morreu em Paris, mas foi enterrado em Bazoches. O coração separado do corpo, numa urna. Era um homem que respeitava a ordem, não quis se contrapor às convenções do seu tempo. Mas, para quem soubesse olhar, ali estava tudo: o corpo para os padres, o coração para o *Mystère*. Se vocês são crentes, saibam que, de todos os seres humanos que já existiram desde que o mundo é mundo, Vauban é o único a respeito de quem eu me atreveria a jurar que está lá em cima. Aposto qualquer coisa que ao vê-lo chegar lhe abriram as portas do céu, de par em par e sem objeções. Caso contrário São Pedro se arriscava a vê-lo voltar com um regimento de sapadores. Acho que tomaria o céu em sete dias. Bem, sejamos piedosos; nem que seja só para não ofender aquele que, segundo os ilusos, criou toda esta merda, vamos deixar em oito. ■

 **Albert Sánchez Piñol** nasceu em Barcelona, na Espanha, em 1965. É antropólogo de formação e um dos escritores mais importantes em língua catalã da atualidade. Autor de um livro de ensaio e quatro romances, entre eles *A pele fria*, de 2003. *Victus*, seu romance mais recente, circula em 14 países e será publicado no Brasil em abril pela Alfaguara.

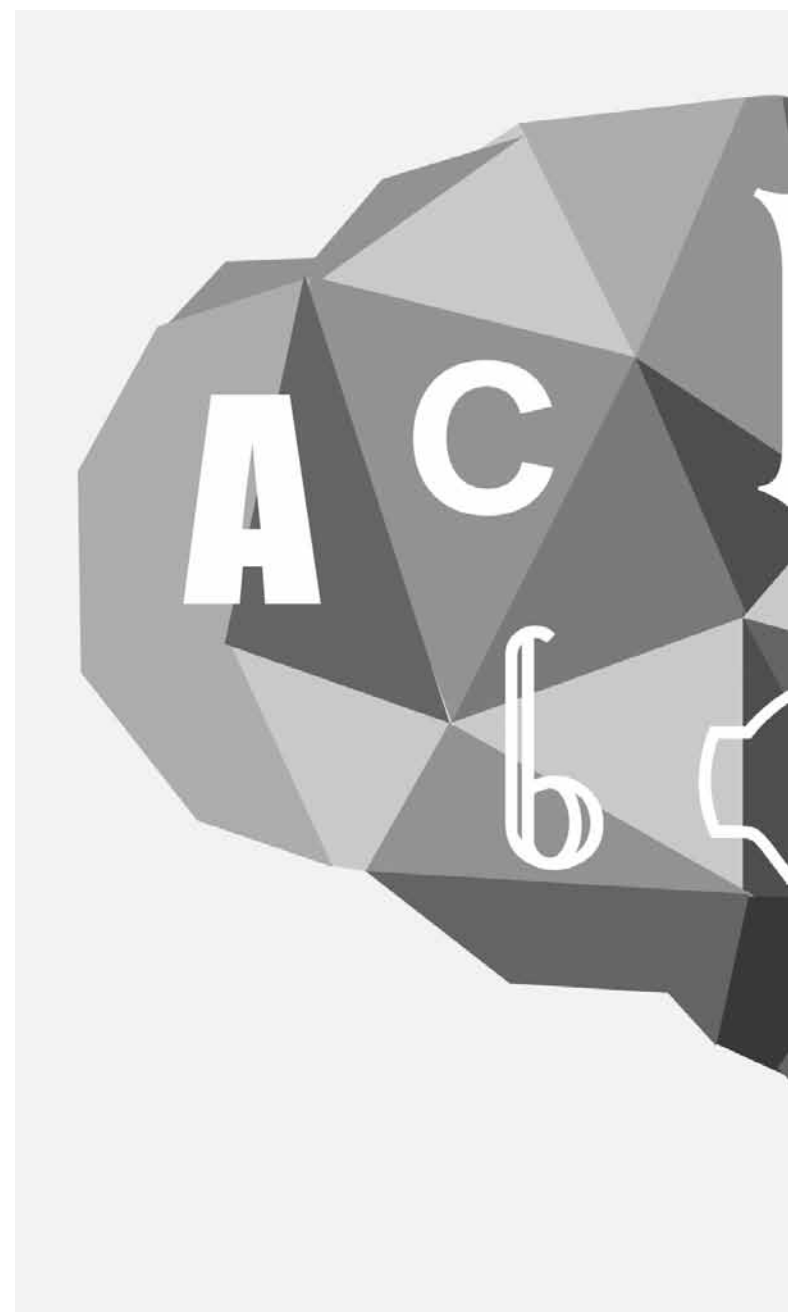
 **Ari Roitman** é um carioca que, graças às reviravoltas do século XX, ainda jovem incorporou o castelhano e o bilinguismo à sua vida. Psicanalista, logo reconheceu a função e o campo da palavra — na clínica, na existência e na literatura. Fundou as editoras Relume-Dumará e Garamond, e vem dirigindo esta última desde 1997. Suas primeiras traduções foram do francês, de obras de Jacques Lacan e dos psicanalistas de sua escola. Posteriormente dedicou-se à tradução literária, quase sempre em colaboração com Paulina Wacht.

 **Paulina Wacht** nasceu em Buenos Aires e mora no Rio de Janeiro desde 1982. Fiel às suas origens, ainda guarda um exemplar da primeira edição de *A volta ao dia em 80 mundos*, de Cortázar, que ganhou ao completar 15 anos — e décadas depois traduziu para o português. É psicanalista, e desde os anos 1990 exerce a tradução literária.

ES OLVIDO (1954)

Juro que no recuerdo ni su nombre,
 Mas moriré llamándola María,
 No por simple capricho de poeta:
 Por su aspecto de plaza de provincia.
 ¡Tiempos aquellos!, yo un espantapájaros,
 Ella una joven pálida y sombría.
 Al volver una tarde del Liceo
 Supe de la su muerte inmerecida,
 Nueva que me causó tal desengaño
 Que derramé una lágrima al oírla.
 Una lágrima, sí, ¡quién lo creyera!
 Y eso que soy persona de energía.
 Si he de conceder crédito a lo dicho
 Por la gente que trajo la noticia
 Debo creer, sin vacilar un punto,
 Que murió con mi nombre en las pupilas,
 Hecho que me sorprende, porque nunca
 Fue para mí otra cosa que una amiga.
 Nunca tuve con ella más que simples
 Relaciones de estricta cortesía,
 Nada más que palabras y palabras
 Y una que otra mención de golondrinas.
 La conocí en mi pueblo (de mi pueblo
 Sólo queda un puñado de cenizas),
 Pero jamás vi en ella otro destino
 Que el de una joven triste y pensativa.
 Tanto fue así que hasta llegué a tratarla
 Con el celeste nombre de María,
 Circunstancia que prueba claramente
 La exactitud central de mi doctrina.
 Puede ser que una vez la haya besado,
 ¡Quién es el que no besa a sus amigas!
 Pero tened presente que lo hice
 Sin darme cuenta bien de lo que hacía.
 No negaré, eso sí, que me gustaba

Su inmaterial y vaga compañía
 Que era como el espíritu sereno
 Que a las flores domésticas anima.
 Yo no puedo ocultar de ningún modo
 La importancia que tuvo su sonrisa
 Ni desvirtuar el favorable influjo
 Que hasta en las mismas piedras ejercía.
 Agreguemos, aun, que de la noche
 Fueron sus ojos fuente fidedigna.
 Mas, a pesar de todo, es necesario
 Que comprendan que yo no la quería
 Sino con ese vago sentimiento
 Con que a un pariente enfermo se designa.
 Sin embargo sucede, sin embargo,
 Lo que a esta fecha aún me maravilla,
 Ese inaudito y singular ejemplo
 De morir con mi nombre en las pupilas,
 Ella, múltiple rosa inmaculada,
 Ella que era una lámpara legítima.
 Tiene razón, mucha razón, la gente
 Que se pasa quejando noche y día
 De que el mundo traidor en que vivimos
 Vale menos que rueda detenida:
 Mucho más honorable es una tumba,
 Vale más una hoja enmohecida,
 Nada es verdad, aquí nada perdura,
 Ni el color del cristal con que se mira.
 Hoy es un día azul de primavera,
 Creo que moriré de poesía,
 De esa famosa joven melancólica
 No recuerdo ni el nombre que tenía.
 Sólo sé que pasó por este mundo
 Como una paloma fugitiva:
 La olvidé sin quererlo, lentamente,
 Como todas las cosas de la vida.



ESQUECIMENTO (1954)



Juro que não recordo nem seu nome,
 Mas vou morrer chamando-a de Maria,
 Não por simples capricho de poeta:
 Por seu jeito de praça de província.
 Que tempo aquele!, eu um espantalho,
 Ela uma jovem pálida e sombria.
 Uma tarde ao voltar do colégio
 Soube de sua morte imerecida,
 A menção me causou tal desengano
 Que derramei uma lágrima ao ouvi-la.
 Uma lágrima, sim, quem imaginaria!
 Vejam bem que sou homem de energia.
 Se devo dar crédito ao que dizem
 As pessoas que trouxeram a notícia
 Devo aceitar, sem suspeitar sequer,
 Que morreu com meu nome nas pupilas,
 Fato que me surpreende, porque nunca
 Foi para mim mais do que uma amiga.
 Nunca tive com ela mais que simples
 Relação de estrita cortesia,
 Nada mais que palavras e palavras
 E uma ou outra menção às andorinhas.
 A conheci em meu vilarejo (e dele
 Resta apenas um punhado de cinzas),
 Mas para ela jamais vi outro destino
 Que de uma jovem triste e pensativa.
 Tanto assim que passei a chamá-la
 Com o nome celeste de Maria,
 Circunstância que prova claramente
 A exatidão central de minha doutrina.
 Alguma vez posso tê-la beijado,
 Quem é que não dá beijo nas amigas!
 No entanto, senhores, saibam que eu o fiz
 Sem perceber direito o que fazia.
 Não negarei, contudo, que gostava

De sua volátil e vaga companhia
 Que era como o espírito sereno
 Que às flores domésticas excita.
 Eu não posso ocultar de nenhum modo
 A importância da sua simpatia
 Nem ignorar a ótima influência
 Que até mesmo nas pedras exercia.
 Acrescentemos, ainda, que na noite
 Seus olhos eram fonte fidedigna.
 Mas, apesar de tudo, é necessário
 Que compreendam que eu não a queria
 Senão por esse vago afeto que
 A um parente doente se dedica.
 No entanto acontece que, no entanto,
 O que até hoje ainda me maravilha,
 Esse inaudito e singular exemplo
 De morrer com meu nome nas pupilas,
 Ela, múltipla rosa imaculada,
 Ela que era uma lâmpada legítima.
 Razão, muita razão, têm as pessoas
 Que passam se queixando noite e dia
 De que o mundo traidor em que vivemos
 Vale menos que uma roda que não gira:
 Muito mais honorável é uma tumba,
 Vale mais uma folha apodrecida,
 Nada é verdade, aqui nada perdura,
 Nem a cor do cristal com que se admira.
 Faz hoje um dia azul de primavera,
 Acho que vou morrer de poesia,
 Dessa famosa jovem melancólica
 Não lembro nem o nome que ela tinha.
 Eu só sei que passou por este mundo
 Como mais uma pomba fugitiva:
 Eu a esqueci aos poucos, sem querer,
 Assim como todas as coisas da vida.

CAMBIOS DE NOMBRE (1962)

A los amantes de las bellas letras
Hago llegar mis mejores deseos
Voy a cambiar de nombre a algunas cosas.

Mi posición es ésta:
El poeta no cumple su palabra
Si no cambia los nombres de las cosas.

Con que razón el sol
Ha de seguir llamándose sol?
Pido que se le llame Micifuz
El de las botas que cuarenta leguas!

Mis zapatos parecen ataúdes?
Sepan que desde hoy en adelante
Los zapatos se llamas ataúdes.
Comuníquense, anótese y publíquese
Que los zapatos han cambiado de nombre:
Desde ahora se llamas ataúdes.

Bueno, la noche es larga
Todo lo poeta que se estime a sí mismo
Debe tener su propio diccionario
Y antes que se me olvide
Al propio dios hay que cambiarle nombre
Que cada cual lo llame como quiera:
Ése es un problema personal.

MUDANÇA DE NOME (1962)

Aos os amantes das belas letras
Dirijo meus melhores desejos
Vou mudar o nome de algumas coisas.

Minha posição é esta:
O poeta não cumpre sua palavra
Se não muda o nome das coisas.

Por que motivo o sol
Continuará chamando-se sol?
Peço que chame Micifuz
Aquele das botas de quarenta léguas!

Meus sapatos parecem ataúdes?
Saibam que de hoje em diante
Os sapatos se chamam ataúdes.
Comuniquem, anotem e publiquem
Que os sapatos mudaram de nome:
De agora em adiante se chamam ataúdes.

Bom, a noite é longa
Todo poeta que se preza
Deve ter seu próprio dicionário
E antes que eu esqueça
Até o nome de deus é preciso mudar
Que cada um o chame como quiser:
Esse é um problema pessoal.

LA FORTUNA (1967)

La fortuna no ama a quien la ama:
 Esta pequeña hoja de laurel
 Ha llegado con años de retraso.
 Cuando yo la quería
 Para hacerme querer
 Por una dama de labios morados
 Me fue negada una y otra vez
 Y me la dan ahora que estoy viejo.
 Ahora que no me sirve de nada.

Ahora que no me sirve de nada
 Me la arrojan al rostro
 Casi
 como


una
 palada
 de
 tierra...


A FORTUNA (1967)

A fortuna não ama a quem a ama:
 Esta pequena folha de louro
 Chegou com anos de atraso.
 Quando eu a desejava
 Para ser desejado
 Por uma dama de lábios rubros
 Me foi negada várias vezes
 E agora que estou velho ela aparece.
 Agora que não me serve para nada.

Agora que não me serve para nada
 Me jogam na cara
 Quase

como
 uma
 pá
 de
 terra...

 **Nicanor Parra** nasceu em San Fabian de Alico, no Chile. No dia 5 de setembro de 2014 completou 100 anos. O livro que o consagrou foi *Poemas y antipoemas* (1954). Publicou, entre outros, de *Versos de salón* (1962), *Canciones rusas* (1967), *Obra gruesa* (1969). É considerado um dos mais importantes nomes da poesia hispano-americana. Vive em em Las Cruces, no Chile, e continua escrevendo.

 **Joana Barossi** é arquiteta, curadora e escritora. Colaborou com textos e traduções em revistas como *Gargarin*, da Bélgica, *Letras Libres*, do México, entre outras. Atualmente está traduzindo uma coletânea de poemas de Nicanor Parra, a primeira a ser lançada no Brasil, prevista para sair ainda neste ano pela Editora 34. Vive em São Paulo (SP).

Rosy & John

Premier jour

17 heures

La rencontre imprévue qui va faire basculer votre vie, la plaque de verglas sournoise, la réponse que vous donnez sans réfléchir... Les choses définitives ne mettent pas un dixième de seconde à se produire.

Prenez ce petit garçon, il a huit ans. Qu'il fasse simplement un pas de côté et tout peut changer, irréversiblement. Sa mère s'est fait tirer les cartes, on lui a prédit qu'elle serait veuve dans l'année. Elle a raconté ça à son fils en pleurnichant, les poings serrés sur la poitrine, des sanglots dans la voix. Il fallait que j'en parle à quelqu'un, tu comprends ? Lui n'avait jamais vraiment imaginé la mort de son père qui lui semblait indestructible. Maintenant, il vit dans la peur. Il y a de ces mères, tout de même... Celle-ci a trente ans, mais une maturité de collègienne. Cette prédiction, il y a longtemps qu'elle l'a oubliée (en plus d'une certaine inconséquence, elle est assez oublieuse, une pensée chasse l'autre à une vitesse parfois désespérante). Pour son petit garçon évidemment, c'est une autre paire de manches. Son imaginaire s'est engouffré tout entier dans cette histoire de sorcière, il n'en parle à personne, fait cauchemar sur cauchemar. Certains jours, l'idée de la mort de son père l'habite jusqu'au malaise; des semaines entières, elle disparaît, comme par enchantement. Quand elle revient, c'est avec une puissance décuplée, parfois, ça lui coupe les jambes, littéralement, il faut qu'il se retienne à quelque chose, qu'il s'assoie.

Lorsque la menace réapparaît, il

exécute toutes sortes de rites conjuratoires, convaincu que si son père meurt, ce sera sa faute.

Aujourd'hui, "si je ne pose pas le pied sur un joint du trottoir, mon père ne mourra pas". C'est seulement à partir du boulanger que ça compte.

Il est quasiment en apnée depuis la maison et le chemin est long jusqu'à l'école de musique. Quelque chose lui dit que cette fois il n'y arrivera pas, mais il ne trouve rien, pas de prétexte, aucune exception qui pourrait l'autoriser à un renoncement valide. Une rue, deux rues, on voit déjà le boulevard, mais l'angoisse grandit et il lui semble que plus il approche de la délivrance, plus il approche de la catastrophe. Il marche le regard rivé au trottoir, son étui de clarinette se balance à peine au bout de son bras. Il en a des transpirations. Il est à deux cents mètres de l'école de musique. Allez savoir pourquoi — un pressentiment peut-être —, tout en avançant, il lève les yeux et voit soudain apparaître son père dans l'autre sens. À cet endroit de la rue, un échafaudage oblige à un contournement, il faut passer sur une passerelle en bois qui mord sur la chaussée. Le passage est étroit. Lépaule en avant, son père se fraye un chemin d'un pas décidé. Quand il marche de cette manière, on dirait que rien ne peut l'arrêter. Le garçon est surpris parce que c'est rare de le voir arriver aussi tôt.

Les images qui suivent s'inscrivent au ralenti dans son souvenir.

Car évidemment cette seconde d'inattention est de trop, le temps de se reprendre, de baisser les yeux, l'enfant est stoppé net: son pied est posé en plein milieu du joint en ciment...

PIERRE
LEMAITRE
ROSY
& JOHN

INÉDIT

thriller



Et donc son père va mourir, c'est fatal.

Oui, les choses définitives surviennent à une vitesse stupéfiante.

Prenez encore cette fille, à quelques mètres derrière notre petit garçon. Pas très jolie, étudiante en économie, jamais eu de relation sexuelle. Elle dit simplement que "ça ne s'est pas présenté", c'est bien plus compliqué, mais peu importe, on est en mai, elle a vingt-deux ans, voilà tout ce qui compte parce qu'à cet instant précis, elle se trouve à l'angle de la rue Joseph-Merlin devant un homme qui la désire; il l'a invitée pour ça, lui dire qu'il la désire. Il suffit qu'elle réponde oui ou non pour que tout bascule dans un sens ou dans l'autre. Et pas seulement pour cette question assez prosaïque de sa virginité. Parce qu'elle va dire non. L'homme va alors l'assurer qu'il comprend (tu parles...), elle va le suivre des yeux et à l'instant où elle commencera à regretter son refus, à vouloir le rappeler...

Trop tard.

L'explosion est tellement puissante qu'elle fait vibrer tout le quartier. C'est comme un séisme, on en ressent le souffle à une centaine de mètres.

En une fraction de seconde, le petit garçon voit le grand corps de son père s'envoler, on jurerait qu'une main géante vient de le pousser brutalement au niveau de la poitrine. La jeune fille, elle, n'a que le temps d'ouvrir la bouche, son ex-futur amant est déjà en l'air et traverse, la tête la première, la vitrine du magasin Women' Secret.

Cette rue Joseph-Merlin est très commerçante. Vêtements, chaussures, alimentation, pressing, drogue-

rie... c'est même la plus commerçante du quartier, après, pour trouver mieux, il faut monter jusqu'au carrefour Pradelle. Nous sommes le 20 mai, un soleil d'une douceur estivale s'est installé depuis quelques jours, il est 17 heures, pour un peu, on se croirait en juillet, il vous vient des envies d'apéritif en terrasse, il y a du monde partout, alors forcément, quand la bombe explose, c'est une catastrophe, mais c'est aussi une injustice.

En même temps, si le monde était juste...

Les passants projetés au sol se protègent avec les bras. Une femme en robe imprimée est propulsée en arrière, sa tête heurte violemment la balustrade du passage en bois aménagé devant l'immeuble. Du côté des numéros pairs, un homme descendant de son scooter est fauché par une traverse sortie d'on ne sait où, elle le percute à la taille et le casse en deux; il porte encore son casque, mais il n'est pas certain que cela suffise à lui sauver la vie.

Au bruit de l'explosion succède un assourdissant vacarme métallique: avec un léger retard sur la détonation, comme s'il avait pris le temps de la réflexion, l'immense échafaudage, saisi d'un soubresaut, se soulève légèrement de terre puis s'effondre massivement, on dirait qu'il s'assoit, comme, à la télévision, ces barres d'immeubles qui donnent l'impression de fondre d'un coup. Sur l'autre trottoir, côté numéros impairs, une jeune fille portant des bottes blanches à talons hauts lève la tête et voit les tubulures se disloquer dans le ciel, à la manière d'un feu d'artifice, et redescendre vers elle à une vitesse à la fois lente et inexorable...

La déflagration balaye les vitrines, les véhicules et tout ce qui se trouve dans les cerveaux. Pendant de longues secondes, personne ne pense, les idées semblent soufflées elles aussi, comme des bougies. Même les bruits ordinaires ont été repoussés, il règne sur le lieu du sinistre un calme inquiétant, vibrant, on dirait que toute la ville vient de mourir, tuée net.

Lorsque l'information a suffisamment pris son élan, elle éclate enfin dans les esprits. Au-dessus de la rue, les fenêtres qui n'ont pas volé en éclats s'ouvrent timidement, quelques visages apparaissent, incrédules.

En bas, ceux qui ont échappé au cataclysme se relèvent et regardent, sans rien comprendre, le paysage nouveau qui s'offre à eux.

Une ville en guerre.

Les devantures des magasins se sont volatilisées, deux murs situés sous l'échafaudage se sont effondrés, provoquant un nuage de plâtre qui se dépose partout, lentement, comme de la neige sale. Le plus spectaculaire est évidemment, qui empiète largement sur la chaussée, cet amoncellement de barres métalliques et de planches en contreplaqué, quatre étages de tubulures, ça n'est pas rien. L'ensemble s'est écroulé quasiment à la verticale, recouvrant deux véhicules garés le long du trottoir. Le monceau de traverses est hérissé de tubes qui pointent vers le ciel, comme une gigantesque coiffure punk.

Combien sont-ils sous les décombres, les débris de verre et les morceaux de bitume? Impossible à dire.

Ce qu'on voit, ce sont, ici et là, quelques corps allongés, de la terre, du sable, partout cette poussière de plâtre

et aussi des choses assez étonnantes, comme ce cintre, accroché à un panneau de sens interdit, portant une veste à parements bleus. Après les séismes, sur les gravats des maisons dévastées, on voit cela parfois, un berceau de bébé, une poupée, une couronne de mariée, des petits objets que Dieu semble avoir déposés là avec délicatesse pour montrer qu'avec Lui, tout doit se comprendre au second degré.

Le père, sous les yeux de son fils, a effectué une curieuse trajectoire. L'explosion qui l'a cueilli sur la passerelle de bois l'a soulevé du sol pour l'asseoir sur l'avant d'une camionnette en stationnement. Il reste là, immobile, comme s'il s'apprêtait à disputer une partie de dominos avec son fils, sauf que son regard est vide, son visage en sang, il dodeline de la tête de droite et de gauche, on dirait qu'il veut détendre ses vertèbres cervicales.

Le garçonnet, lui aussi, a été soufflé par l'explosion. Maintenant, une joue contre terre, les yeux écarquillés, allongé devant une porte cochère qui a stoppé sa trajectoire, il tient toujours son étui à clarinette, mais le couvercle s'est ouvert, l'instrument a disparu, on ne le retrouvera jamais.

Les sirènes commencent déjà à mugir.

La confusion cède la place à l'urgence, à l'énergie, aux secours, les personnes valides se précipitent vers les corps étendus.

Certains se relèvent, difficilement, retombent à genoux, exténués.

Au silence de la stupéfaction succède le brouhaha progressif des cris, des hurlements, des instructions, des sifflets.

Les gémissements sont recouverts par le concert des klaxons.

Rosy & John

Traduzido por Zéfere

Primeiro dia
17 horas

O encontro imprevisto que vai fazer com que sua vida dê uma guinada, uma placa de gelo inesperada, uma resposta que você dá sem ter refletido antes... Aquilo que é definitivo leva menos de um décimo de segundo para acontecer.

Veja só esse garotinho, oito anos de idade. Basta dar um passo para o lado e tudo pode mudar, irreversivelmente. Sua mãe foi ver o que diziam as cartas, fizeram a previsão de que ficaria viúva ainda neste ano. Ela contou para o filho, choramingando, com os punhos apertados contra o peito, a voz soluçante. Precisava falar sobre isso com alguém, entende? Ele, na verdade, jamais havia imaginado a morte de seu pai, o qual lhe parecia indestrutível. Agora, fica morrendo de medo. Tem umas mães que, vá entender... Essa tem trinta anos, mas com a maturidade de uma colegial. Quanto àquela previsão, faz tempo que ela a esqueceu (além de um pouco inconsequente, é um tanto quanto desmemoriada, cada pensamento põe o outro para correr, às vezes numa velocidade desesperadora). Já com o garotinho, claro, as coisas não se passam bem assim. Todo seu imaginário foi engolido por essa história de cartomante, embora não conte para ninguém, e tenha um pesadelo atrás do outro. Certos dias, a ideia de que seu pai vai morrer o habita ao ponto de se tornar um mal-estar físico; por semanas inteiras, a ideia desaparece, como num passe de mágica. Quando retorna, vem com a força multiplicada por dez. Às vezes, é como se lhe faltassem as pernas, literalmente, sendo obrigado a se apoiar em alguma coisa, a se sentar.

Quando a ameaça está de volta, ele executa toda sorte de ritual de conjuração, convencido de que, se seu pai morrer, é sua a culpa.

Hoje, “é só eu não pisar em nenhum rejunte da calçada, aí meu pai não vai morrer”. Fica valendo a partir da padaria.

Já sai de casa quase sem fôlego, e o caminho é longo até a escola de música. Algo lhe diz que dessa vez ele não vai conseguir, mas não acha nada, desculpa alguma, nenhuma exceção que lhe permita, por alguma razão, desistir de seguir em frente. Uma rua, duas ruas, já dá para ver o bulevar, mas a angústia vai aumentando e parece que, quanto mais se aproxima do destino, mais se aproxima da catástrofe. Caminha com os olhos colados na calçada, o estojo do clarinete mal balança na ponta do braço. Transpira, e como transpira. Está a duzentos metros da escola de música. Vá saber por quê — um pressentimento talvez —, ainda avançando, ele ergue os olhos e, de repente, vê seu pai aparecer no sentido contrário. A essa altura da rua, um andaime tem de ser contornado, é preciso passar por uma passarela de madeira que beira a rua. A passagem é estreita. Com o ombro primeiro, seu pai abre caminho com um passo resolutivo. Quando anda dessa maneira é como se nada pudesse pará-lo. O garoto se surpreende, pois o pai raramente chega tão cedo.

As imagens seguintes serão inscritas em câmera lenta na sua lembrança.

Pois, evidentemente, esse único segundo de desatenção foi o suficiente, só um segundo para voltar a prestar atenção, baixar os olhos de novo, e o menino para no mesmo instante: seu pé está bem no meio do rejunte da calçada...

Então seu pai vai morrer, fatalmente.

Sim, aquilo que é definitivo ocorre numa velocidade espantosa.

Veja ainda essa moça, alguns metros atrás do nosso garotinho. Não muito bonita, estudante de economia, nunca teve uma relação sexual. Por mais que ela diga simplesmente que “a hora ainda não chegou”, o negócio é bem mais complicado, mas tanto faz, estamos em maio, ela tem vinte e dois anos, e isso é tudo o que importa, pois, nesse exato instante, ela se encontra numa esquina da rua Joseph-Merlin diante de um homem que a deseja; ele a chamou para isto, dizer-lhe que a deseja. Basta que ela responda sim ou não para que tudo vire para um lado ou para o outro. E não somente por uma questão tão prosaica quanto essa da virgindade. Porque ela vai dizer não. Então o homem vai garantir que entende (claro que sim...), ela vai segui-lo com os olhos e, logo que começar a se arrepender de tê-lo rejeitado, vai começar a querer chamá-lo de volta...

Tarde demais.

A explosão é tão forte que faz vibrar todo o bairro. É como um terremoto, sente-se a uns cem metros a massa de ar que se desloca.

Numa fração de segundo, o garotinho vê o corpanzil do pai alçar voo, a gente poderia jurar que uma mão gigante acabou de lhe dar um bruto empurrão na altura do peito. Quanto à jovem, mal abre a boca e seu ex-futuro namorado já está no ar, atravessando de cabeça a vitrine da loja Women' Secret.

Há bastante comércio nessa rua, a Joseph-Merlin. Roupas, sapatos, alimentação, lavanderia, drogaria... É a rua mais comercial no bairro, senão, para

achar mais coisas, só subindo ao cruzamento da Pradelle. Estamos no dia 20 de maio, o sol se firmou há alguns dias, com uma brandura estival, são 17 horas, por pouco é como se estivéssemos em julho, todos com vontade de tomar um aperitivo na varanda, gente por todos os cantos, ou seja, quando a bomba explode, é necessariamente uma catástrofe, mas também uma injustiça.

Se bem que, se o mundo fosse justo...

Os pedestres projetados para o chão se protegem com os braços. Uma mulher de vestido estampado é lançada para trás, sua cabeça bate com força no corrimão da passagem de madeira instalada em frente do prédio. No lado dos números ímpares, um homem, descendo da lambreta, é atingido em cheio por uma viga que saiu não se sabe de onde, bateu na sua cintura e o quebrou ao meio; ele ainda está de capacete, mas é pouco provável que isso seja o suficiente para lhe salvar a vida.

Passado o barulho da explosão, vem um estardalhaço ensurdecedor de metais: com um ligeiro atraso em relação à detonação, como se houvesse feito uma pausa para refletir, o imenso andaime, tomado de sobressalto, eleva-se levemente da terra e depois desaba massivamente, feito alguém que se sentasse, como esses prédios que vemos desmoronar de uma hora para a outra na televisão. Na outra calçada, no lado dos números pares, uma moça com botas de salto alto brancas ergue a cabeça e vê tubos em deslocamento no céu, como fogos de artifício, que voltam a descer, na sua direção, numa velocidade ao mesmo tempo lenta e inexorável...

A deflagração varre vitrines,

veículos e tudo o que se encontra nas mentes. Durante longos segundos, ninguém pensa, as ideias parecem ter sido sopradas como se sopra uma vela. Até os barulhos mais ordinários foram rechaçados. Reina no local do desastre uma calma inquietante, vibrante, como se a cidade inteira houvesse acabado de morrer, abatida no ato.

Logo que a informação se alastra o bastante, ela finalmente estoura no espírito das pessoas. Acima, na rua, as janelas que não se estilhaçaram vão se abrindo timidamente, alguns rostos aparecem, incrédulos.

Abaixo, aqueles que escaparam do cataclismo se levantam e olham, sem entender nada da nova paisagem que se oferece à vista.

Uma cidade em guerra.

As fachadas das lojas foram pelos ares, dois muros situados sob o andaime desmoronaram, dissipando uma nuvem de gesso que vai pousando sobre tudo, lentamente, como uma neve suja. O mais espetacular é, evidentemente, o que invadiu quase todo o calçamento da rua, esse amontoado de barras de metal e placas de compensado, quatro andares de tubos, o que não é qualquer coisa. Todo o conjunto desabou praticamente na vertical, encobrendo dois carros estacionados à borda do meio-fio. No meio de um monte de vigas, tubos espetados para o alto fazem lembrar um gigantesco penteado punk.

Quantos foram parar debaixo dos escombros, dos cacos de vidro e dos pedaços de asfalto? Impossível responder.

O que se vê, aqui e ali, são alguns corpos estendidos, terra, areia, essa poeira de gesso por toda parte e outras coisas, bastante impressionantes,

como esse paletó de forro azul, pendurado numa placa de contramão, ainda no cabide. Após os abalos sísmicos, sobre os entulhos das casas devastadas, veem-se essas coisas às vezes, um bercinho, uma boneca, uma coroa de noiva, pequenos objetos que Deus parece ter acomodado com cuidado para mostrar que, com Ele, tudo é um símbolo a ser desvendado.

O pai, aos olhos do seu filho, efetuou uma curiosa trajetória. A explosão, que o havia atingido na passarela de madeira, ergueu-o do chão e sentou-o na frente de uma caminhonete estacionada. Lá está ele, imóvel, como se esperando o filho para uma partida de dominó, mas seus olhos estão vazios, seu rosto ensanguentado, sua cabeça pende de um lado para o outro, como se tentasse relaxar as vértebras cervicais.

O garotinho, também ele, foi projetado pela explosão. Agora, com a bochecha contra o chão, de olhos esbugalhados, estendido diante de um portão que o impediu de continuar sua trajetória, ele ainda segura o estojo do clarinete, mas a tampa está aberta, o instrumento desapareceu, nunca mais será encontrado.


Já se ouvem os gritos das sirenes.

A confusão está dando lugar à urgência, à energia, aos socorros, as pessoas ainda em condição se precipitam na direção dos corpos estendidos.

Alguns se reerguem, com dificuldade, caem de joelhos, exauridos.

Passado o silêncio da estupefação, vem a barulheira crescente dos gritos, dos berros, das instruções, dos apitos.

Os gemidos são abafados pelas buzinas. ■

 **Pierre Lemaitre** nasceu em Paris, na França, e, por anos, lecionou literatura francesa e americana. Escritor e roteirista, conquistou em 2013 o Prêmio Goncourt com o romance *Au revoir là-haut*. O romance *Rosy & John* (2013), que o **Cândido** publica o primeiro capítulo nesta edição, será lançado no Brasil em 2016 pela Vestígio, casa editorial do Grupo Autêntica.

 **Zétere** é o pseudônimo de um tradutor brasileiro.

POEMA | WILLIAM BUTLER YEATS

NEVER GIVE ALL THE HEART

Never give all the heart, for love
Will hardly seem worth thinking of
To passionate women if it seem
Certain, and they never dream
That it fades out from kiss to kiss;
For everything that's lovely is
But a brief, dreamy. Kind delight.
O never give the heart outright,
For they, for all smooth lips can say,
Have given their hearts up to the play.
And who could play it well enough
If deaf and dumb and blind with love?
He that made this knows all the cost,
For he gave all his heart and lost.

JAMAIS DÊ TODO O CORAÇÃO

Jamais dê todo o coração.
Mulheres passionais não dão
Valor para o amor que parece
Seguro. Ignoram que esvaece
De beijo a beijo, porque deve
Ser um enlevo, um sonho breve.
Um típico deleite incerto.
Jamais dê o coração aberto
Àquelas que seduzem logo,
Ao dar seus corações em jogo.
Bobo e cego de amor, porém,
Quem poderia jogar bem?
O custo disso ele entendeu.
Dando seu coração, perdeu.




Marciel Conrado Ilustração

William Butler Yeats nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1865, e morreu em Menton, na França, em 1939. Contemporâneo dos poetas T. S. Eliot e Ezra Pound, Yeats recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1923. Autor, entre outros, de *The wanderings of oisín and other poems* (1889), *The secret rose* (1897) e *Words for music perhaps* (1931).

Wagner Schadeck nasceu em Curitiba, onde vive. É formado em Letras Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Vai lançar um livro de poemas em 2015 e também traduz e organiza as *Odes completas*, de John Keats.

Lúcio Cardoso nasceu em Curvelo, no dia 14 de agosto de 1912, e se radicou no Rio de Janeiro, onde iria desenvolver uma ficção, em um primeiro momento, identificada com o regionalismo. Em seguida, a sua obra demonstrou pontos de contato com a chamada vertente espiritualista da literatura brasileira, sobretudo pelo fato de os conflitos interiores dos personagens ocuparem parte significativa dos textos. Os dois primeiros romances do autor, *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935), são obras relevantes, estudadas e lidas até hoje, mas foi com *Crônica da casa assassinada* (1958) que Cardoso carimbou o seu passaporte para a posteridade. Nessa longa narrativa, o autor apresenta uma família que se desmancha social e moralmente. Os personagens se revelam a partir de cartas, fragmentos de diários, confissões e depoimentos. Traduzida para o italiano, o francês e o inglês, *Crônica da casa assassinada* problematiza, com rara perícia, temas como adultério, incesto e insanidade. Clarice Lispector foi, entre as várias personalidades da cultura brasileira, uma admiradora do legado do escritor e, particularmente, Clarice também desenvolveu amor platônico por Cardoso que, em 1962, foi vítima de um acidente vascular cerebral (AVC) e, a partir de então, abandonou a escrita e se dedicou à pintura. O escritor morreu em 1968, no Rio de Janeiro.

 **Cesar Marchesini** é desenhista. De 1968 a 2008, foi diretor de arte em agências de publicidade, entre as quais JWT, CBBA, DPZ, FBA & LEVY e Umuarama. Nasceu e vive em Curitiba (PR).

